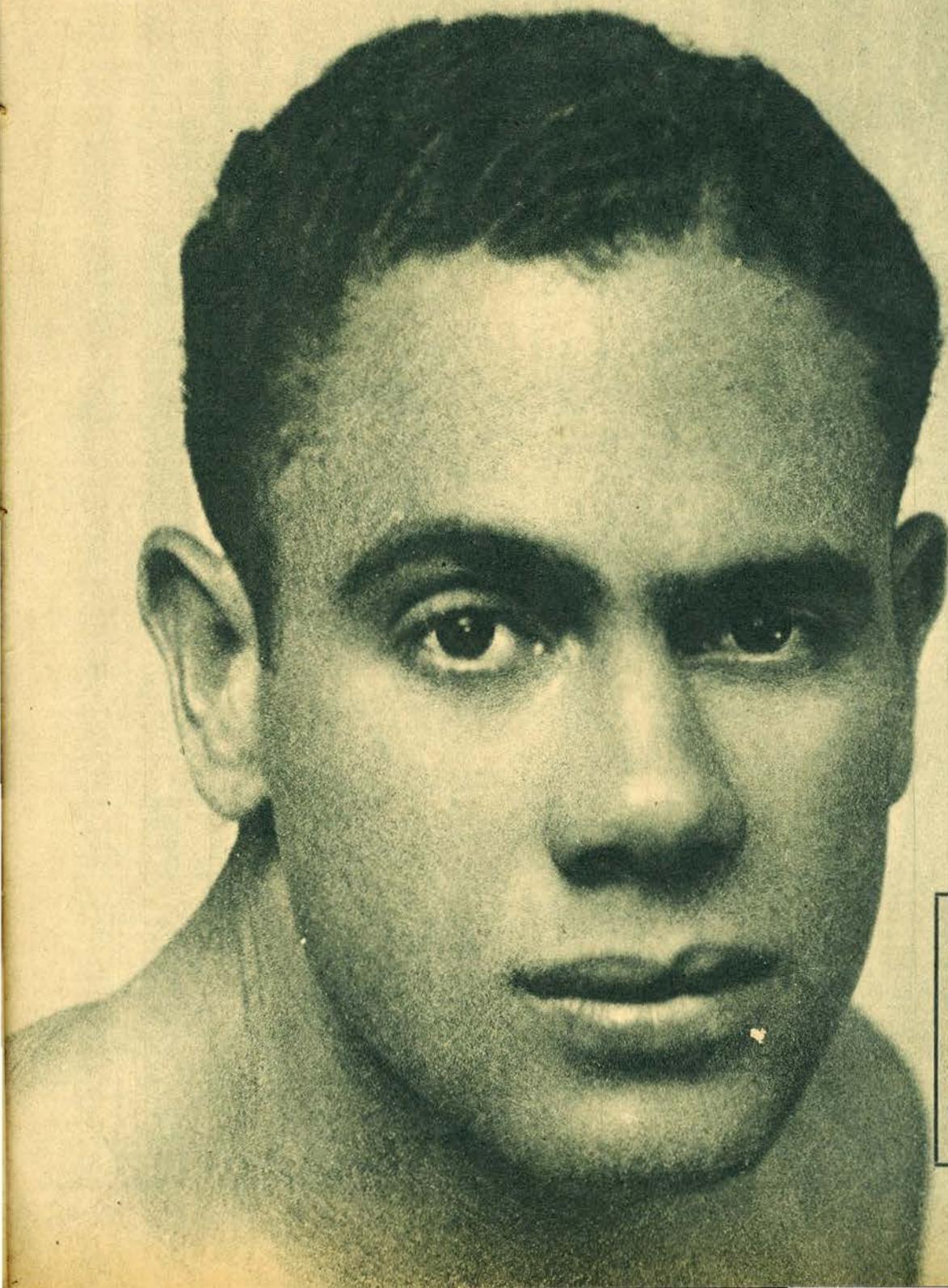


# Stadium

N.º 145 ★ 12 DE SETEMBRO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



**LARZEN**

NOVO CAM-  
PEÃO NACIO-  
NAL DE BOXE  
DA CATEGORIA  
DOS MEIOS-  
-MÉDIOS

# A Associação Naval 1.º de Maio

Um pouco da sua vida, no passado e no presente, e o que projecta de actividade para o futuro

**P**ARA recordar a actividade magnífica da Associação Naval 1.º de Maio, para se poder realçar bem o seu valor no campo desportivo e cultural, temos de rebasar elementos desde o fim do século passado.

A prestigiosa colectividade — que forma com o Ginásio Clube Figueirense a melhor representação desportiva da região — tem pergaminhos honrosíssimos.

## Apontamentos do passado

O sr. Waldemar Ramalho é figura de prestígio na Naval. Dedicado e entusiasta pelo desporto e pela Associação Naval figueirense, tem bem presente todos os pormenores que constituem o passado do seu clube. Sabe relatar-nos o que é hoje e expôr-nos com clareza o que se espera do seu futuro. Ouçamo-lo:

— Nessa manhã do dia 1.º de Maio de 1893 — diz-nos — havia em todos os homens um clarão de esperança num futuro brilhante. Uma té enorme cimentava todas as suas criações. Por isso, os homens que idealizaram há cinquenta e dois anos um clube desportivo tinham a certeza de que a sua obra haveria de ser eterna — e haveria de ser máscula.

«É porque assim pensavam, indicaram para presidente da primeira direcção — eleita em 2 de Maio de 1893 — um verdadeiro «lôbo do mar», o banheiro da nossa praia, João da Encarnação! País de marinheiros, a Associação Naval 1.º de Maio tinha fatalmente de ver guiados desta forma os seus passos numa obra náutica.

O sr. Waldemar Ramalho continúa a reviver a Naval figueirense de há muitos anos:

— Em 1911, a 16 de Julho, disputou-se o primeiro campeonato de Portugal, com direito absoluto de comparticipação para todas as tripulações do País — o que até então não tinha acontecido.

«O prémio era a taça «Lisboa», maravilhoso troféu instituído pelo rei D. Carlos, de carácter vitalício — com a perpetuidade que o seu instituidor lhe conferiu e que é ainda hoje disputado.

«Nesse campeonato, contra todas as expectativas dos lisboetas, a Naval 1.º de Maio cortou a meta em vencedora alcançando assim o título honroso de primeiro campeão de Portugal em remo!

«Começa então a série de triunfos. Mas a sua acção tinha de ser mais vasta. A náutica não bastava. Por isso havia que lançar a sua actividade noitras modalidades. E estas foram aparecendo: futebol, boxe, atletismo, esgrima, tiro (Sociedade de Tiro n.º 5), gymnástica (infantis e adultos), «basketball», «volleyball» e «tennis» de mesa — estas já dos nossos dias.

«Esta lançação desportiva fez aliar a recreativa, benéfica e cultural. Naquela são os bailes, e tantas outras festas que recreiam e divertem o espírito dos associados. Na benéfica, são os bô-

dos, os bandos precatórios e os saraus, que interessam directamente os necessitados. Na parte cultural evidenciam-se a secção de gymnástica, biblioteca, etc.

«A Naval 1.º de Maio — confirma-nos depois o sr. Waldemar Ramalho com orgulho — é, pois, um verdadeiro centro de educação física e cultura geral.

«Não esqueceu também o seu carácter patriótico, pelo que foi agraciada com a Cruz Vermelha de Mérito, por ter feito instalar

mesa, etc., também a Naval se tem mostrado à altura do passado.

## O futuro da Naval

O nosso amável informador tinha-nos elucidado acerca da vida do prestigioso clube, falando-nos do passado e do presente da Naval.

Se a evocação que nos faz dos primeiros tempos da Naval 1.º de Maio permite avaliar das suas honrosas tradições desportivas,



O «time» de júniores da Associação Naval 1.º de Maio, fotografado na tarde em que venceu a equipa da Académica da Coimbra

na sua séde em Hospital de Sangue, no decorrer da guerra de 1914. E' agraciada ainda com o grau de cavaleiro de Cristo e reconhecida pelo Comité Olímpico Português como de utilidade pública.

## O presente

Porque os actuais dirigentes não pretendem que se darma à sombra dos louros colhidos, a sua acção no presente é também notória — ilacida-nos depois o sr. Waldemar Ramalho, ao referir-se à vida actual do seu clube.

«Desde o futebol até ao remo, tudo se movementa, ainda que em épocas distantes. Terminada a época de futebol, lançam-se os dirigentes e dirigidos nos trabalhos de preparação para os desportos náuticos. Este ano, mercê de circunstâncias várias, não fomos tão felizes, como se desejava, nos Campeonatos Nacionais de Remo.

«A matéria prima é muita e por isso fez-se a Naval 1.º de Maio representar em inúmeras provas. Sabíamos que não nos estavam reservados lugares de honra, mas o que se pretendia era praticar desporto. E esse objectivo foi atingido — com exito!

«Há que aproveitar sempre o entusiasmo e a lôrça de vontade dos principiantes, que são, no futuro, os melhores elementos para o trianfo.

«Acima de tudo — o desporto! Sentem-se os dirigentes felizes pelo exito obtido e estão crentes em melhores dias. Com trabalho, e com a boa união que existe agora, a doçura da vitória não vem longe. Isto na náutica. Nos outros desportos, futebol, «basket», «volley», «tennis» de

a informação quanto à actividade nos nossos dias revela-nos que tem continuado a manter bem acesa essa chama que é o alimento vital dos clubes de desporto.

No entanto queremos arquivar as palavras do sr. Waldemar Ramalho, quanto ao seu pensa-

mento acerca do futuro da Naval. — Lançadas as vistas pelo passado e pelo presente, resta-nos de facto afirmar a certeza de que o futuro não será menos brilhante. As entidades oficiais, que nos têm acompanhado com certo carinho nestes últimos tempos, devemos parte da nossa acção.

«A edlidade que dirige agora os destinos da nossa terra contamos ficar a dever um dos melhores e mais expressivos melhoramentos: a construção de um campo de jogos. Esperamos que esta construção se verifique dentro da próxima temporada e isso garante à Naval 1.º de Maio uma acção muito mais brilhante nos épocas futuras.

«Embora nos desgoste o facto dos nossos melhores jogadores de futebol estarem a ser... «pedcados» pela Académica, Benfica, Atlético Marinhense e Sport Lisboa e Elvas, estamos certos de que a «maresia» há-de passar...

«Para tal conta a Naval 1.º de Maio com o alto espírito de justiça do sr. director geral de Desportos, não deferindo a pretensão dos citados clubes, que apenas prejudica a obra de um outro de tão gloriosas tradições como é a Naval 1.º de Maio.

«Nenhum dos jogadores beneficia da transferência. Nem melhores condições materiais, porque delas não necessitam, nem melhores condições desportivas, visto que na Naval 1.º de Maio lhes é dispensada a mais elevada consideração e lhes é facultada a melhor forma de preparação.

«Se não fosse a esperança que se deposita na Direcção Geral de Desportos, poder-se-ia prever uma fase das mais graves para o desporto na Figueira da Foz!

Com esta opinião sobre um assunto que aliás nos foi descrito na Figueira da Foz com o enorme desejo de que as entidades do nosso desporto dêem se ocupem com enérgica atenção, deu por finda a sua evocação o sr. Waldemar Ramalho.

## CURIOSIDADES...

### Como principiou o jôgo do bilhar

**A**QUI tem o leitor um motivo para lhe despertar o interesse e espevitar a curiosidade.

Decerto que já tem jogado o bilhar inúmeras vezes e feito a si próprio a pergunta de como haverá surgido esta modalidade desportiva.

A sua invenção é absolutamente fortuita e filia-se no facto do inventor ter pouco que fazer e muito em que pensar... — pelo menos como vender pelo maior preço o que em casa lhe era entregue por importância o mais baixa possível. Ou não fosse ele agiota!...

Na Inglaterra, as casas de penhores usam como distintivo três bolas — de ouro, prata e cobre, mania como qualquer outra e que não traz mal de maior ao Mundo.

Em 1560 existia em Londres, entre outros, o prestamista William Kew, boa pessoa que, à falta de melhor passatempo, se entretinha, nas horas vagas das transacções, a fazer com que as bolas do seu mistler locassem umas nas outras, para o que utilizava a sua jarda, medida linear seme-

lhante ao nosso vulgar metro. Horas e horas, sobre o balcão, as bolas eram impelidas de um lado para o outro e, descrevendo as mais inverosímeis trajectórias, acabavam por chocar umas nas outras conforme os desejos de William. Os amigos e fregueses mais assíduos foram observando a pericia do prestamista e tomando parte nas jogadas. Dentro em pouco, o número de «apricantes» era já elevado.

A nova e imprevisível modalidade desportiva foi ganhando adeptos e aperfeiçoando a técnica e meios de praticabilidade até ao ponto de se popularizar e universalizar, com métodos e regulamentos que a fazem enfileirar no número dos desportos com maior qualidade e quantidade de adeptos.

O nome de bilhar não é mais do que uma corrupção à primitiva classificação do jôgo de William, composta pelos nomes dos objectos empregados: bill's yard (bolas e jarda).

Assim reza um velho pergaminho encontrado ocasionalmente num alfarrabista londrino.

NEVES DE CARVALHO

# Os Campeonatos Nacionais disputaram-se de novo na piscina de Coimbra

## Bons resultados e pouca gente

A realização dos campeonatos nacionais, na piscina improvisada de Coimbra, trouxe de novo à superfície, ao primeiro plano, vários problemas postos em equação há muito tempo. E um deles, cada vez de mais flagrante actualidade, é o da falta de uma piscina definitiva. Em qualquer das duas noites, com um programa fraco em inscrições, limitadas aos melhores representantes das duas associações em plena actividade, e a despeito de não serem muito propícias em temperatura e segurança de tempo, a piscina fluvial de Coimbra, reconstruída ano a ano, pouco mais do que uma barragem no Mondego, teve afluência de público digna de registo, como expressão de uma coisa que não deve ser posta em dúvida — o interesse local pela natção. A cidade merece em absoluto uma piscina que corresponda à sua categoria. Merece-o tanto pelo valor dos seus nadadores, como pela simpatia despertada no público por tão excelente desporto.

Progride-se, nitidamente, em qualidade. A camada do primeiro plano melhora de técnica, de estilo e de resultados. Não diremos que, em todos, se melhora de semana para semana. Mas é evidente. E agrada a notá-lo. Temos, assim, outra legenda, como resumo de impressão geral dada pelos campeonatos: bom, muito bom de quando em quando. Mas pouco... muito pouco, mesmo. E parece até que cada vez menos.

Passando à análise das duas jornadas, ainda em globo, podemos acrescentar que as melhores provas, em entusiasmo na luta e em vibração do público, foram os 200 metros de bruços para senhoras, muito bem ganhos por

Ilda Raposo, e os 200 metros livres para homens, pela excelente corrida feita pelo campeão com-bricense Luís Lopes da Conceição. A luta travada no último percurso levantou o público. Mário Simas, vencedor brilhante da prova, e Luís Lopes da Conceição, valoroso em extremo, receberam a melhor ovação da noite.

A segunda jornada não diferiu grandemente da anterior — um novo «record» de Portugal, outro de Coimbra, alguns bons resultados, muito público e falta de gente nos campeonatos...

A primeira abriu com um discurso de saudação, proferido pelo dr. Ernani Marques. A de domingo fechou com algumas palavras de agradecimento de José Dias Pereira, em nome da Federação.

### As provas femininas

A falta de espaço não nos permite alargar em comentários, numa crónica que tem de ser escrita à pressa, especialmente na parte que se refere às provas de domingo, disputadas também à noite.

No grupo das corridas femininas, há a salientar, pelo número de títulos conquistados, Ana Denis Linheiro, do Belenenses, devendo distinguir-se, pela forma como teve de batalhar, Ilda Raposo, do União de Coimbra.

Ana Linheiro conquistou os seus

Anna Linheiro, do Belenenses, ganhou os seus primeiros campeonatos de Portugal — Dois novos «records» nacionais de Joaquim B. Pereira

primeiros títulos de campeã nacional, e ganhou três — em 100 e 200 metros livres e nos 100 metros de costas. Mas teve de correr sózinha, a lutar pelo melhor tempo quando julgou conveniente fazê-lo. Em todas as provas, pouco mais fez do que deslizar pela piscina sem apertar o andamento. Os resultados técnicos registados, respectivamente de 1 m. 25 s. 3/5, 3 m. 29 s. 1/5 e 1 m. 35 s. — não correspondem ao valor afirmado nesta época. E o dos 100 metros costas é inferior ao seu «record» de 1944.

Ilda Raposo teve uma adversária nos 200 metros de bruços: Rosa Lopes, do Atlético, que disputou neste campeonato a sua última prova. A antiga campeã e recordista não retomou, porém, a plena forma de outras épocas. Ilda Raposo venceu-a, por isso, com certa facilidade: 3 m. 55 s. 1/5, contra 4 m. 7 s. A nadadora com-bricense mantém, pois, o título conquistado em 1944.

### Entre os homens

Os 100 metros de costas para homens têm fraca história: os melhores, Mário Simas, Artur Mendes da Silva e João José Gomes, todos do Estoril Praia, quasi se limitaram a uma demonstração de estilos, cada um deles fazendo menos do que normalmente — 1 m. 18 s. 2/5, 1 m. 22 s. 2/5 e 1 m. 29 s. 3/5. A luta mais animada travou-se entre Manuel Darim e José Lôbo, com pequena vantagem para aquêle — 1 m. 39 s. e 1 m. 39 s. 1/5.

Para os 1500 metros livres apaeceram apenas os dois concorrentes de Lisboa: Joaquim Baptista Pereira, do Alhandra, e Belmiro dos Santos, do Estoril. Fal-taram outros dois. Foi uma das provas mais curiosas — pela marcha dos nadadores e pelo contraste entre os estilos de cada um: Baptista Pereira, em «trudgeon», com base na energia da braçada e do golpe de pernas, e Belmiro, num «crawl» excelente de ritmo, deslizando bem.

Onadador alhandrense apresentou-se muito bem até aos 900 metros. Teve, nessa altura, um afrouxamento manifesto — de 1 m. 29 s. 2/5, passou para 2 m. e 1 s. Durante 200 metros nadou penosamente, mas reagiu depois. Equilibrou-se de novo. E conseguiu ainda um resultado absolutamente lisonjeiro — 22 m. 7 s. 1/5. A melhor prova, em regularidade e estilo, coube, porém, a Belmiro Santos — 22 m. 33 s. 2/5. Foi um resultado brilhante. Baptista Pereira tentou de novo o «record» na manhã de domingo, conquistando-o, com 21 m. 25 s.

Os 400 metros livres tiveram os mesmos concorrentes, faltando Luís Lopes da Conceição e José Júlio de Almeida. As características deste campeonato foram idênticas às da prova de 1.500 metros.

A única diferença consistiu em Joaquim Baptista Pereira agüentar o ritmo com que principiou, tendo em vista o «record», e batendo-o, com o tempo excelente de 5 m. 22 s. 6/10. O antigo «record» era seu e estava em 5 m. 24 s. 4/10. Não resistiu a duas semanas de treino. Belmiro Santos fez 5 m. 47 s. 1/5, melhor do que em Barcelona.

Luís Lopes da Conceição animou grandemente os campeonatos de 200 e 100 metros livres. O primeiro deve ter sido a melhor prova de todo o programa. Mário Simas teve de apertar bastante no final do percurso, para não ser surpreendido. Os tempos são sugestivos: Mário Simas, 2 m. 30 s.; Luís Lopes da Conceição, 2 m. 31 s. 1/5, que é novo «record» de Coimbra. João José Gomes classificou-se em terceiro com 2 m. 34 s. 2/5. Esta ordem foi precisamente a mesma nos 100 metros. Houve apenas esta diferença — na primeira prova, Luís Conceição lutou com Mário Simas; na segunda, lutou com João José Gomes. Registemos, entretanto, os tempos, respectivamente: 1 m. 3 s. 1/5, 1 m. 7 s. 1/5 (novo «record» de Coimbra) e 1 m. 9 s. 2/5. Mário Simas confirmou a sua classe — e o seu valor. Luís da Conceição está em franco progresso. João José Gomes é ainda um grande nadador.

Artur Mendes da Silva marcou de novo o seu valor na prova de bruços, batendo, outra vez, o antigo campeão João da Silva Marques. Este nadador forçou o andamento de entrada, a tentar a sorte da corrida. Manteve-se em primeiro até aos 100 metros, completando-os em 1 m. 25 s. 4/5. Artur Mendes da Silva, em «sou-pleesse», esticando-se e deslizando bem, juntou-se-lhe aos 133 metros e fugiu-lhe depois. Foram dignos adversários. Mendes da Silva fez 3 m. 3 s. 2/10; Silva Marques, 3 m. 6 s. 8/10. Estiveram pois melhor do que em Espanha. Atrás deles, classificaram-se Luís Franco (União), 3 m. 20 s. 6/10, e Jaime do Nascimento, (Académica), 3 m. 30 s. 4/10. António Romãozinho, do Santa Clara, desistiu.

A estafeta de 4x200 metros livres, só com uma equipa, não tem história. O Estoril ganhou-a em 10 m. 51 s. 3/5, com Francisco Salgado, Belmiro Santos, João José Gomes e Mário Simas.

António Guedes Gonçalves triunfou no campeonato de saltos, sem adversários, fazendo 130,6 pontos.

A afluência do público não teve contra-partida na afluência de nadadores. Bem sabemos que não sobem em geral aos campeonatos nacionais nadadores de categoria inferior. São provas para os «ases».

Disputaram-se várias provas complementares. Mas têm de ficar para nova crónica.

MÁRIO DE OLIVEIRA

## O 2.º DIA DE FUTEBOL

decorreu com interesse e animação.

SE tivéssemos de avaliar da importância e da animação do segundo dia da nova temporada de futebol, pelo que houve em Lisboa, teríamos de concluir que a jornada tinha sido muito fraca.

Mas não aconteceu assim. De norte a sul disputou-se uma boa porção de encontros, nos quais intervieram equipas de primeiro plano. E não se diga que essas paginas não tiveram interesse, pelo menos pela possibilidade de darem a saber algumas «novidades».

Um relance sobre a actividade futebolística do último domingo:

Em Lisboa, um encontro entre o Grupo Desportivo da C. U. F. e o Casa Pia, com vitória natural do primeiro por 3-0, que também triunfou em reservas, por 5-0.

Em Maceira-Liz, o Sporting Club de Portugal defrontou a equipa da sua filial da localidade, que esteve em festa por os «deões» da Maceira inaugurarem a nova sede, e ganhou por 10-0 — resultado que dispensa comentários.

O Benfica também saiu de Lisboa. Foi deabalada até Santa Cita, nas cercanias de Tomar, e «brindou» o grupo Desportivo da Matreña com 6-1.

Em S. João da Madeira, o F. C. do Porto jogou contra o Sanjoanense. A partida viu-se com agrado e proporcionou a vitória dos portuenses por 5-2.

Em Vianna do Castelo, o S. C. Vianense recebeu a visita do Ramaldense, novo componente da I Divisão do Porto. Os minhotos, que parecem dispostos a dar que falar no próximo campeonato regional, venceram por 3-0.

No Porto, o Vitória de Guimarães derrotou o Leixões (4-3) e o Famacioso venceu o Vilanovense (4-0). Vê-se que os clubes da A. F. de Braga estão «alinados» — e os do Porto não.

Em Aveiro, o Beira Mar jogou com a Académica de Coimbra (0-3) e em Coimbra, o União defrontou o Salgueiros (3-2). Pelos modos foi dia grande para o futebol da Lusitânia.

Mas houve também futebol «a sério». Referimo-nos aos campeonatos de Setúbal, com a segunda jornada, e do Algarve, que principiou. Para o Vitória de Setúbal foi o resultado mais expressivo da «ronda», obtido sobre o Amora (8-0). Barreirense e C. U. F. também venceram e o Ginásio do Sul seguiu com segunda vitória, desta vez sobre o Luso.

No Algarve houve muito entusiasmo. Oihanense e Fareense, com vitórias sobre o S. C. de Faro e Louletano, por 9-0 e 7-1, confirmaram os seus créditos. O único desafio de valor equilibrado jogou-se em Vila Real, entre o Lusitano e o Portimonense, registando-se um empate, sem bolas.

# Corrija o seu ESTILO

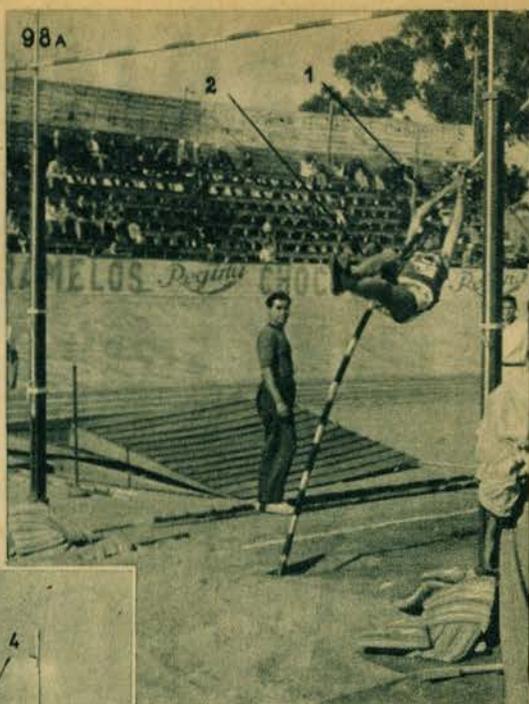
*A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes*

98 — João Montalvão Fernandes, campeão nacional

Deve reparar-se na acentuada flexão da vara, que é uma característica na forma de saltar de Montalvão, atribuível: ou à própria flexibilidade da vara (ignoro se saltou com vara sua) ou ao peso do corpo actuando por precoce elevação das pernas em consequência de movimento pendular acelerado.

Não pode tratar-se de tração antecipada dos braços, visto estes (1) se manterem correctamente estendidos enquanto as pernas (2) sobem reünidas pelo lado da vara. Note-se que a perna de chamada, a direita, ultrapassa aqui a perna livre, parecendo indicar o esbôço de um golpe de tesoura vertical antecedendo o golpe de tesoura horizontal para a viragem do corpo sobre a barra.

Embora não possa certificá-lo, suponho que a fase B se refere ao mesmo saltador

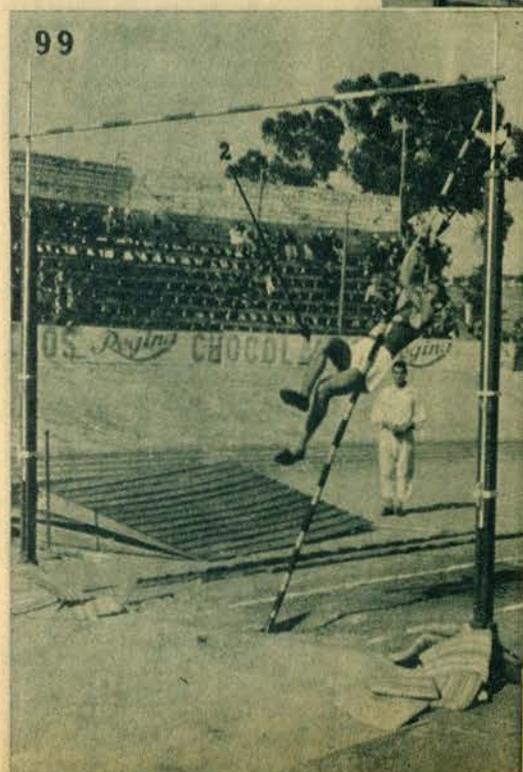


e, sendo assim, mostra que a execução das manobras sobre a barra é muito menos correcta do que o movimento de subida. Aqui a mão direita (3) está muito separada da esquerda, prejudicando a segurança de apoio dos braços e talvez por isso o tronco (4) tem dificuldade na viragem e a bacia não conseguiu subir — como devia — acima do plano dos ombros. As duas pernas (5) estão em plena execução do golpe de tesoura horizontal (a esquerda avança e a direita recua e sobe), findo o qual o corpo ficará de face para a barra, pronto a transpô-la.

99 — Santos Vieira, campeão de Lisboa.

Em fase de salto idêntica à do número anterior, verifica-se ser muito menor a flexão da vara, porque não foi tão precipitada a subida das pernas. As mãos (1) juntaram-se bem na suspensão na vara, mas existe uma ligeira e desnecessária flexão dos cotovelos. A subida das pernas (2) vai ainda atrasada e, ao contrário do caso precedente, é a perna livre que está mais alta do que a perna de chamada, posição relativa que se encontra na maioria dos casos. A atitude geral do saltador parece indicar pouca energia no lançamento para cima dos membros inferiores, quando é afinal esta uma das condições essenciais de bom aproveitamento ascensional da velocidade de translação adquirida na corrida preparatória.

**Salazar Carreira**



# PUGILISMO

## A magnífica vitória de LARZEN e o excelente comportamento de BENI LEVI



cava um retorno de forma capaz de conceder ao antigo campeão o título que lhe havia sido retirado.

Os primeiros assaltos do combate viram Levi na ofensiva, aberta e destemida, depois de um round inicial de estudo e expectativa. Domina pela persistência dos seus ataques, despense energia e obriga o adversário a retirar-se.

No 5.º, 6.º, 7.º, 9.º e 10.º, Beni Levi não consegue ganhar superioridade. Tem um espasmo brilhante no 8.º assalto mas denuncia cansaço logo em seguida.

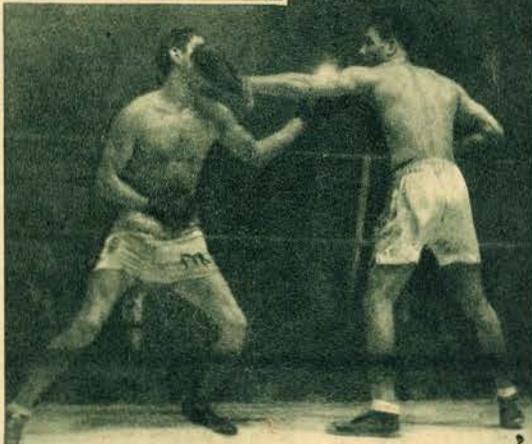
No 11.º parte em tufo e ganha tal comandamento que nós próprios adquirimos a quasi certeza da sua vitória. E assim teria sido se não se expusesse demasiado no último período da luta. Dois socos em *contra*, especialidade de Larzen, sacudiram-no e esteve prestes a tombar na lona. Reagindo, ainda conseguiu acabar batendo-se e martelando o tronco do seu vencedor.

A vitória, arrancada sobre a meta, foi muito bem conferida a Jorge Larzen por pontos — e o próprio Levi teve a nobreza de felicitar o seu vencedor.

Técnicamente, o *match* foi pobre. Excitante a todo o momento e angustioso no final do último assalto, supriu a deficiência da esgrima pela tensão e combatividade dos jogadores.

Levi, pelo facto de ter conduzido as hostilidades durante oitenta por cento do tempo do combate, fez mais figura de campeão e *safu* do *ring* tão glorificado como o seu vencedor. Mas, além de outras causas menores, devemos acentuar que a esgrima de punhos e as suas preciosas subtilidades não são apanágio do valoroso moçambicano. Ora, para se ganhar no *ring*, é necessário e imprescindível conhecer os golpes fundamentais, executá-los com preceito e aplicá-los nas ocasiões oportunas. É isto o ABC do pugilismo (sem auto-rêlaxo...) e Levi não o conhece. Cremos, até, que há quem procure dissuadi-lo de esgrimir...

Com António Rodrigues e José Santa, Levi foi o mais capaz de todos os pugilistas nacionais, desde Adão... Mas não atingiu a altura máxima por deficiência de preparação técnica. Ainda é tempo, e mais que tempo, de começar.



**BENI LEVI** não conseguiu reaver o campeonato nacional dos pesos-médios, apesar do esforço considerável que produziu nesse sentido, mas ensinou a todos os espectadores, e ao próprio adversário, de que modo se bate no *ring* um autêntico campeão.

«Vencer sem perigos é ganhar sem glória» — disse em tempos um rei de França, formulando assim o lema que pode aplicar-se neste caso com propriedade.

Levi, por um capricho do seu organismo ou consequência dos hábitos de vida, não é já o peso meio-médio de 1943, musculoso e espadado, mas antes um atleta dissecado, que oscila no limite dos leves sem se fixar francamente dentro da categoria. Nestas condições, porque aceitou o combate com Jorge Larzen e não reptou Miguel França, como seria lógico?

Por dignidade e porque tem a fibra real de um Campeão.

Achou, e nisso foi psicólogo, que a multidão desportiva lisboeta julgaria mal a sua recusa, considerando o acto como medida de precaução e temor do adversário. Logo, preparou-se, entrou no *ring* disposto a vencer e jogou até final arriscando tudo por tudo.

Larzen, por seu turno, treinou-se com a meticulosidade e a férrea vontade que fizeram dele, em pouco tempo, um pugilista difícil, apesar de pobre de recursos esgrimísticos. Aseta que compreende bem a incompatibilidade irredutível da vida nocturna com a de boxeador, amontou energias e adquiriu a paz, interior e exterior, propícias ao desempenho da sua profissão.

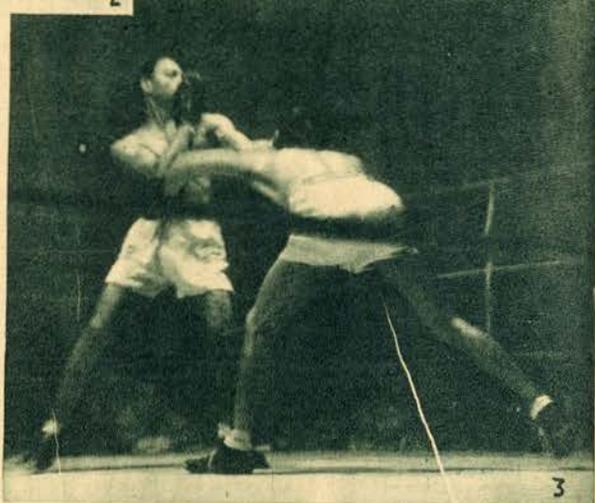
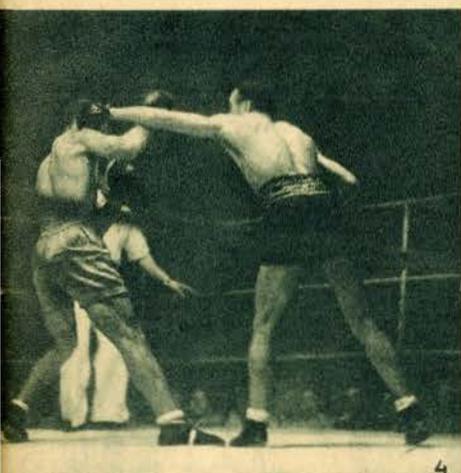
O campeonato de Portugal era o deghau seguinte da sua carreira. Conhecendo que

Levi é combativo por temperamento, resolveu aguardar os ataques, espá-lo e colhê-lo pelo seguro.

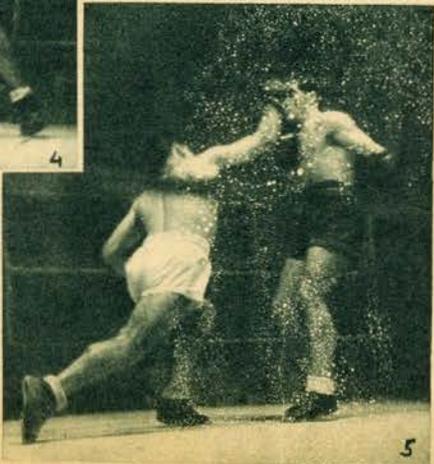
Foi neste estado de espírito que, na aparência, pelo menos, o actual campeão passou pelas cordas do quadrângulo para enfrentar o seu conterrâneo e amigo.

### Um prognóstico falhado

Depois da vitória sobre Beltrán, inclinamo-nos decididamente pelas cores de Beni Levi. Tudo nos indi-



1 — Larzen executa um golpe ao estômago; 2 — Levi é atingido por um *contra* à cara; 3 — Fase animada da luta; 4 — Augusto de Sousa consegue entrar na guarda de Diamantino Gama; 5 — Alfredo Oliveira é atingido por um golpe forte de Raúl Oliveira



Não queremos concluir estas considerações sem mencionar o seguinte pormenor: Levi, taticamente, começou como devia, entrando sob o braço esquerdo de Larzen e batendo ao estômago com o punho esquerdo.

Porque mudou, a certa altura, de procedimento, erguendo-se e batalhando a descoberto?

### O novo campeão

Larzen é digno detentor do campeonato por muitas razões. A primeira, ganhou-o no *ring* sem favor. Outras mais: é bom desportista, tem personalidade, é honesto e incapaz de uma trapaça. Como esgrimista, emprega-se na defensiva, cobre-se muito e trabalha no corpo-a-corpo, mas irregularmente.

Possui um bom *jab* da esquerda e um *hook* da direita rápido, óptimamente executado e certo.

Pode progredir mais — e decerto o fará, aplicando-se e desenvolvendo o seu poder muscular, arma sempre terrível e mortífera, que ajuda a liquidar adversários.

Fazemos votos por que se mantenha durante muito tempo na posse do título que conquistou — e que o perca tão

(Continua na pág. 14)

# Idéias sugeridas

pele II Lisboa-Santarém-Lisboa

**Insista-se na organização de provas por etapas que proporcionam ao ciclismo maior expansão**

**R**EVESTIU-SE o II Lisboa-Santarém-Lisboa de inúmeros motivos de agrado, quer como manifestação desportiva, quer como competição própria dita. Por isso bastantes são os factos ocorridos na prova, ou por ela ocasionados, que merecem ser divulgados — uns para se verificar que o ciclismo, parecendo por vezes desporto monótono, é todavia das modalidades sujeitas às mais variadas contingências, sempre propício a interesses do público, outros suficientemente elucidativos de que a velocipédia está, felizmente, a tomar de novo incremento e a ter público fiel e entusiasta, igual ao de outras épocas em que a modalidade esteve em grande relevo.

**Insista-se com as provas em etapas**

Esta é a indicação que se colhe das últimas competições disputadas em etapas—Circuito de Sangalhos, Circuito de Oeste e Lisboa-Santarém-Lisboa.

São provas que exigem dos corredores um conjunto de qualidades diferentes do requerido nas competições de uma só tirada — porque é necessário ser perseverante, saber dosar o esforço e resistir às possíveis quebras de moral; porque os homens menos dotados fisicamente, mas de maior poder de recuperação, podem impor-se merecedores de qualidades que vulgarmente não sobressaem nas simples corridas clássicas, e ainda porque o público beneficia, a meio das provas, de um aliciente — as classificações das primeiras tiradas — para adquirir interesse pelas pagnas.

Tudo isto é um conjunto de factos que impõem a divulgação das corridas por etapas.

Ganhamos muito, sob vários aspectos, todas as provas particulares disputadas em linha se passassem a correr-se em duas ou três etapas. Até mesmo nas competições em circuito, de grande quilometragem, em vez de se obrigar os corredores a percorrerem troços de estrada despopulados, só para passarem de tempos a tempos em determinada localidade, se lucraria alongando tais percursos através das regiões a que pertencem essas localidades.

**Centros desportivos que se movimentariam**

Para finais das etapas escolher-se-iam locais de certo valor desportivo, ou pelo menos onde houvesse público já interessado pela modalidade — ou capaz de se interessar. Essas provas constituiriam elemento de propaganda eficaz para as terras finais de etapas.

No caso do Lisboa-Santarém, esta cidade, que possui dois clubes de certa importância, que teve já uma corrida anual de tradições e que é a capital de

uma região de bons ciclistas, pode, se quiser, proporcionar à sua população — aproveitando a organização periódica desta prova — uma pugna velocipédica de valor dentro da própria cidade. A simples instituição de alguns prémios tornaria possível completar-se a etapa com dois ou três circuitos no Vale de Estacas, o que seria espectáculo interessante.

**Corredores regionais que podem progredir**

Nas provas por etapas é fácil a revelação de novos valores. É se se conseguir, o que é fácil, a inscrição de elementos das regiões incluídas nos percursos, o interesse das provas subirá e o público terá mais um pormenor com que prender-se. Assim, o ciclismo beneficiará.

No «Circuito de Oeste» foram muitas as pessoas que se deslocaram à Marinha para ver chegar Carreira Rei, o corredor da terra. Alenquer vibrou também com a proeza de Gaspar Paulo. No Lisboa-Santarém, por todo o percurso se ouvia perguntar pelo alenquerense. Este corredor, ao que parece treinando irregularmente — não pôde todavia corresponder ao que dele se esperava.

Até mesmo sob o aspecto puramente desportivo — equipas que teoricamente são superiores saírem normalmente batidas por agrupamentos mais heterogêneos — o Lisboa-Santarém-Lisboa se impôs como prova rápida de duas etapas.

O Sporting, com uma equipa sem dúvida mais homogênea que o Sangalhos, ganhou apenas pela diferença de 6 s. Os homens da Bairrada, com um conjunto inferior ao da Iluminata, venceram esta, digamos até que com mérito, porque todos os seus homens, melhor ou pior classificados, sobreram «cerrar os dentes» até final, à procura de melhor resultado.

O próprio Lisgás, embora com a equipa fortalecida pelo ingresso de Manuel Pinguinhas, não deixa de ser atléticamente inferior ao grupo do D. A. L., pois, embora em último lugar ficou apenas distanciado dos primeiros menos de 2 minutos.

Insista-se, portanto, na organização das provas por etapas, porque delas o ciclismo usufruirá os melhores proveitos.

Apenas se sentirão menos beneficiados em tal género de competições os corredores que estão sempre prontos a sacrificarem-se pelos companheiros de clube. Todavia, mesmo esses, quando tal sacrifício não visa apenas um ou outro estradista que pretende servir-se da ajuda em uso próprio, não devem dar o tempo por mal empregado, pois que a sua conduta criará ao clube que defendem maiores probabilidades de triunfo.

GIL MOREIRA

## DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

Ante os resultados francamente favoráveis das nossas recentes competições internacionais, onde

os seleccionados portugueses obtiveram brilhantes triunfos ou, quando vencidos, se mostraram dignos da classe dos adversários, começamos a compreender os enormes benefícios que a propagação e o progresso do desporto português estão recebendo por intermédio destes confrontos com os melhores praticantes de nações amigas.

A intensificação e o eclectismo das nossas relações desportivas com a Espanha, que se devem à oportuna iniciativa do sr. Director Geral de Desportos e ao compreensivo acolhimento do organismo superior do país irmão, trouxeram-nos, a par da prova material de ignoradas possibilidades, o estímulo precioso para a necessária orientação de trabalho e maior entusiasmo na captação de praticantes e adeptos.

Sejam quais forem — favoráveis ou desfavoráveis — os resultados das nossas competições com estrangeiros, eles trazem-nos sempre ensinamentos que seriam impossíveis de colher no âmbito restrito da nossa actividade interna.

O próprio futebol ganhou alento com as suas digressões além fronteiras; mas foram sobretudo as modalidades de menor expansão, o «handball», a vela, a natação, o remo, o «hockey» patinado, o atletismo, que receberam maior impulso, ao abrirem-se-lhe, esta temporada, horizontes cujo acesso, ambicionado de longa data, nunca conseguira ser atingido. Quando encerrarmos as contas gerais do ano de 1945, reconhecê-lo-emos como dos mais prósperos no nosso historial desportivo.

NO ESTRANGEIRO

Os Jogos Olímpicos, grande competição de paz e de fraternidade universal, voltam a plano de interesse nos temas mundiais do desporto. Escolheu-se já o ano de 1948 para sua nova celebração e afluem as candidaturas de países e cidades para lhes servir de cenário; a importância do desporto, como agente de propaganda nacional, reassume o seu valor dos tempos de vida normal no mundo, e os Jogos, com a sua inigualável projecção, despertam naturais cobisças das nações, ansiosas de retomar seu predomínio.

Três anos é espaço de tempo demasiado curto para que possam arrefecer por completo as cinzas da vastidão fogueira de ódios e ressentimentos que abrasou o Universo; no entanto, para que não sejam desmentidos os princípios de camaradagem humana, de confraternização entre as mocidades de todos os povos, de todos os continentes, que ditaram a iniciativa firmada pelo barão de Coubertin no estatuto do olimpismo moderno, é indispensável que um espírito isento de reservas anime por igual os organizadores e os concorrentes.

O ressurgimento dos jogos significa o reelaboração da paz sobre a terra, o regresso do desejo de aproximação e de colaboração entre os homens, no esquecimento das lutas que os dividiram, pelo empenho em novas lutas que os aproximem. Seja qual for o local escolhido para sua reunião, os celebrantes dos próximos Jogos Olímpicos, após este intervalo de três olimpíadas afogadas em sangue e perdas na ruína, devem ser sinceros mensageiros de amor universal, sem excepções nem irradiações que deixem no âmago dos atingidos uma sombra de dúvida sobre a verdade impoluta da missão do desporto na união e melhor conhecimento dos homens.

## VIDA ASSOCIATIVA

**Sport Algés e Dafundo**

**BASKETBALL** — Na secretaria do clube está aberta a inscrição para todos os sócios que desejem representá-lo na próxima época, devendo os treinos começar em data a indicar oportunamente.

**Sporting Clube de Portugal**

**BASKETBALL** — Encontra-se também aberta na secretaria deste clube a inscrição de sócios e simpatizantes que queiram praticar a modalidade e representar os «deões» nos próximos torneios. Os treinos começaram já sob a direcção de Carlos Silva e efectuam-se no Lumiar.

Da mesma forma o Sporting abriu a inscrição para elementos de 16 e 17 anos que queiram representá-lo no próximo campeonato de Lisboa de Júniores. Os treinos começam esta semana.

**COMUNICADO** — A direcção do Sporting pede-nos que informemos que os sócios do clube terão entrada para a bancada azul e

peão durante o encontro Portugal-Espanha de atletismo, nos próximos dias 15 e 16. Os possuidores de lugares cativos para a época de 1945-46 terão lugares nas cadeiras ou camarotes a que se refiram os cartões, mediante prévia apresentação à entrada do campo.

**Associação de Tennis de Mesa de Lisboa**

A distribuição de cargos na nova comissão administrativa da Associação de Tennis de Mesa de Lisboa ficou feita como segue: Armando S. Gomes, presidente; Edmundo Santos Jor., vice-presidente; Artur R. Ribeiro, secretário-geral; José M. Martins Manso, secretário-adjunto; José J. Oliveira, tesoureiro; Fernando Santana e José A. Carvalho, vogais.

A nova época abrirá em Outubro próximo, mês no qual devem efectuar-se as provas particulares. As competições oficiais da A. T. M. L. realizar-se-ão em Novembro e Dezembro.

O capote de Montes, eficaz e providencial como nenhum outro, foi o criador de mil adornos e filigranas, que pela primeira vez imprimiram ao toureiro a nota artística de colorido e alegria. A mula, nas mãos de Paquiro, deixou de servir apenas para a execução dos dois ou três passes com que se colocava o toiro em soite para a estocada «recibiendo», ou para o «volapié», novo recurso para a morte dos toiros que não acudiam ao «cite», criado, nos fins do século XVIII, por Joaquín Rodríguez (Costillares), contemporâneo de Pedro Romero e Pepe-Ilo.

Já que falamos na morte dos toiros, lembraremos que, tal como sucedeu posteriormente com quasi todos os grandes mestres do capote e da mula, foi esse o ponto fraco de Paquiro. Como matador, nunca conseguiu passar da mediana.

Montes foi por algum tempo aluno da Real Escola de Sevilha, onde pouco, ou nada, aprendeu. O seu toureiro genial e revolucionário foi simplesmente o fruto da natural predisposição para a arte a que se dedicou apaixonadamente. Nascido no ano trágico de 1805, toureou pela última vez em 21 de Julho de 1850, na praça de Madrid, sendo colhido pelo célebre toiro «Rumbón». Retirado em Chiclana, sua terra natal, faleceu no ano seguinte. Sobre a morte prematura de Paquiro correm duas versões: a de uma cura imperfeita da colhida do ano anterior, e a dos estragos causados pelo abuso do alcool, a que se entregara para esquecer íntimos desgostos de ordem sentimental.

Patrício e discípulo dilecto de Montes, José Redondo (El Chiclanero) rivalizou com o seu mestre no manejo do capote e da mula, ultrapassando-o largamente como matador. Chiclanero sustentou com Francisco Arjona (Curro Cúchares) uma das mais sérias competências do século passado, competência em que as vantagens estavam manifestamente do lado de José Redondo, artista de recursos muito superiores aos do seu rival. Cúchares foi talvez o primeiro toureiro que recorreu sistematicamente aos truques defensivos. Grande conhecedor das reses, dominava facilmente as mais perigosas com um toureiro de mula muito pessoal e «eventajista», com que as entontecia mais do que as castigava. Declarava aos seus familiares que nenhum toureiro poderia, como ele, afirmar com absoluta convicção que voltaria ileso a casa depois de uma corrida.

Chiclanero, toureiro querido e popular como poucos, morreu com 35 anos apenas, vitimado por uma tísica galopante, contraída por efeito do seu desmedido amor ao belo sexo e às pândegas nocturnas... Cúchares, livre do seu rival, entrou a abusar mais descaradamente dos seus recursos «defensivos», exibindo ainda por largos anos um toureiro de pura «martingala». Morreu em 1868, com o vômito negro, na Havana. Apesar dos seus cinquenta anos, chegara dias antes à capital das

Antilhas para cumprir um contrato de várias corridas.

Nos nossos dias conhecemos dois toureiros da «escola» de Cúchares: Joaquín Navarro (Quinito), cuja mula ficou célebre pelas suas dimensões exageradas, e Julián Sainz (Salari II), que soube aplicar ao toureiro a tática empregada, nas pugnas parlamentares, pelo seu patrício e protector D. Alvaro de Figueroa, conde de Romanones. Homens práticos e previdentes, Quinito e Salari II souberam, a exemplo de Cúchares, conservar-se por largos anos nas lides sem que os públicos lhes manifestassem franca hostilidade. Ambos se retiraram da profissão com a perspectiva confortável de uma velhice livre de preocupações.

O madrilenho Cayetano Sanz, contemporâneo de Cúchares e Chiclanero, começou por fazer parte da «cuadrilla» deste último como bandarilheiro, vindo a receber alternativa de matador em 1848. Cayetano foi incontestavelmente o toureiro mais fino e elegante da sua época. O seu toureiro de capote fez escola, ficando célebres os soberbos lances de «frente por detrás».

(Continua)

J. E.

## BARREIRA DE SOL

Algés, 22 de Agosto

Uma corrida extraordinária em honra das Nações Aliadas e com a presença dos seus representantes diplomáticos, a quem os artistas brindaram. Casa regular na sombra e fraquíssima no sol.

Os irmãos Palha Vanzeller enviaram oito belos toiros, procedentes da nova cruzada da antiga ganadaria de Palha com rezes de outras castas. Cumpre-nos registar uma notável vantagem sobre o curro que os mesmos «ganaderos» enviaram este ano ao Campo Pequeno. Apresentação impecável, denotando optimo tratamento, lindos tipos, nobreza, suavidade e alguns toiros com merecida nota de bravos, como os dois que proporcionaram um exito assinalado ao nável cavaleiro Murteira Correia.

A lide a cavalo estava confiada a este e ao veterano António Luiz Lopes, pior servido no reperto mas que conseguiu cravar bons ferros largos e curtos, executando com felicidade a sua sorte à gaiola, com os terrenos cambiados e aguentando uma recarga emocionante do quinto, animal codicioso mas que se apagou rapidamente. Murteira Correia, que traz os seus cavalos admiravelmente arrançados e ensinados, toureou muito bem o seu primeiro, cuja lide rematou com dois ferros curtos magistrais. No último, depois de cravar quatro bons ferros largos, sendo tocado sem consequências no remate de um dêles, mudou de montada para colocar um enorme par de bandarilhas a duas mãos.

Foi a lide a cavalo o melhor da tarde. Os dois espadas, Curro Caro e Pepe Dominguin, pouco se lu-

## UM GRUPO DE FUTEBOL DA REAL FÔRÇA AÉREA

exibiu-se em Ponta Delgada

NÃO era sem tempo! Depois de quasi três épocas de inactividade e, também, depois de os Corpos Administrativos de Ponta Delgada terem construído um campo de jogos provisório, a Associação de Futebol fez um torneio de futebol por pontos, que teve carácter de treino para preparar as equipas para a época de 1945/46.

O referido torneio foi suspenso, por o Lusitânia Sport Clube, de Angra do Heroísmo, ter vindo em visita, fazendo quatro encontros com os seguintes resultados...

Micaelense, 2-Lusitânia, 0; Lusitânia, 5-Santa Clara, 2; União Micaelense, 2-Lusitânia, 1; União Sportiva, 3-Lusitânia 1. Embora o Lusitânia nos oferecesse melhor técnica, os grupos locais conseguiram três vitórias contra uma.

Depois desta jornada, que veio dar certo incremento a um desporto que se encontrava desamparado, a A. F. P. D. fez um convite ao valoroso grupo da Real Fôrça Aérea, que já havia actuado na Ilha Terceira, e se encontra nos Açores, convite que foi aceite com a maior deferência, tendo vindo a S. Miguel, de avião.

Para esse fim foram constitui-

dos dois mistos, um (Possíveis) por elementos do C. U. Sportiva e do C. U. Micaelense e outro (Prováveis) por jogadores do Micaelense F. C., Marítimo S. C. e C. D. Santa Clara, os quais jogaram, respectivamente, nos dias 6 e 8 de Julho, com o referido grupo da Real Fôrça Aérea.

A actuação deste valoroso grupo deslumbrou todos aqueles que o presenciaram, pois técnica e tática empregadas surpreenderam tanto o público como os jogadores micaelenses, que nunca haviam tido a honra de defrontar uma equipação bem constituída como a da Real Fôrça Aérea.

Da equipa britânica fazem parte o famoso «internacional» de futebol Lambert e os profissionais Mc Anally e Mitter, dos quais o primeiro e o último foram os melhores e todos em geral demonstraram uma técnica nunca vista em Ponta Delgada.

No primeiro desafio, em que ganharam por 6-1, os ingleses fizeram uma deslumbrante demonstração de futebol, e no segundo, em que venceram por 2-0, viu-se uma entusiástica partida, na qual se confirmou a excelente técnica britânica e se registou a maior revelação dos últimos tempos: a actuação de João Maciel, guarda-rédes dos «prováveis» e que esta época se estreou na equipa do Micaelense Futebol Clube, qualidades que mereceram as melhores referências do «internacional» Lambert e de todos os seus companheiros e também da imprensa local.

A equipa dos ingleses era assim constituída: Harrison; Burton e Grant; Potter, Lambert (cap.) e Nudie; Gilloney, Mc. Anally, Bowers, Mitter e Muncie.

Foi uma jornada futebolística como nunca houve a registada por ocasião da visita do famoso grupo da Real Fôrça Aérea a Ponta Delgada.

No dia 7, a Direcção da A. F. P. D. ofereceu um «Pôrto de Honra» à equipa da Real Fôrça Aérea, a que assistiu o sr. Cônsul Geral da Grã-Bretanha nos Açores, festa que decorreu com a maior cordialidade.

H. D. R.

a dois toureiros de estilos bem diferentes, mas igualmente apreciados pelo nosso público. O mexicano Cañitas deu honradamente a nota da valentia, bandarilhando por forma formidável e emocionando com a sua maneira característica de tourear de mula, expondo e obrigando em faenas vistosas mas em que o domínio nem sempre está da parte do homem. Acrescenta-se, em abono da verdade, que lhe tocaram dois toiros ideais para a lide dentro do seu estilo.

António Bienvenida, que em primeiro lugar teve de se haver com um manso perdido, conseguiu topar no fim da noite com um toiro lidável, que ele deixou refrescar e soube fazer crescer, mandando sempre com absoluto domínio, através de uma faena alegre e repousada, em que desenvolveu toda a gama da sua

(Continua na pagina 12)

# ASPECTOS GRAFICOS

## dos Campeonatos nacionais de nataçào

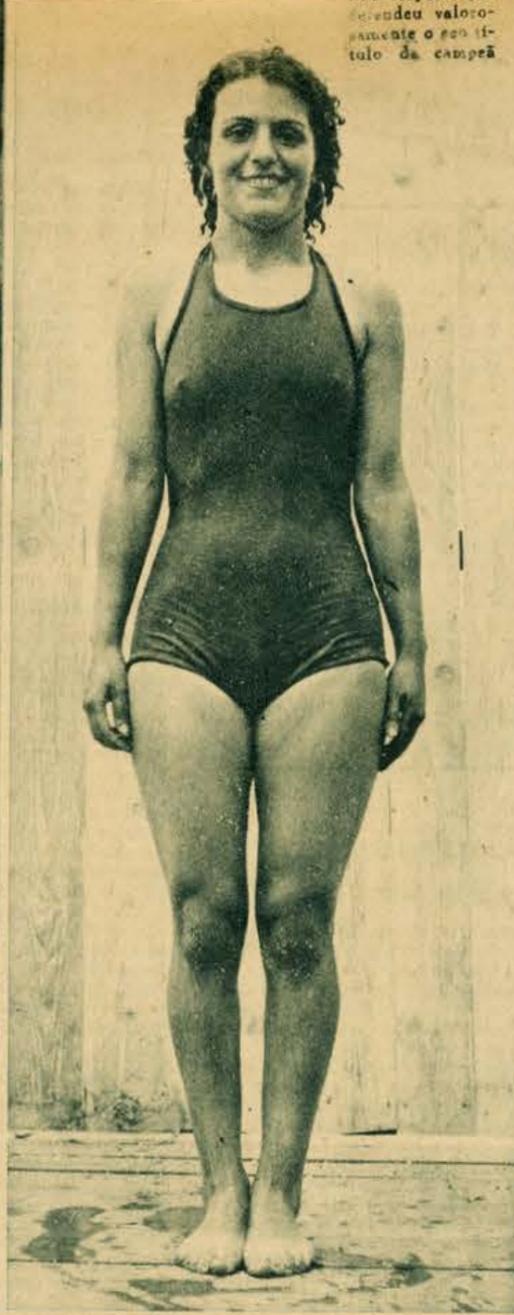


Lopes da Conceição, magnífico nadador cosimbriense



Mário Simas, um nome que dispensa adjetivos

Ana Linheiro, magnífica nadadora, mais uma vez em evidência nas provas de Coimbra



Defendeu valorosamente o seu título de campeã



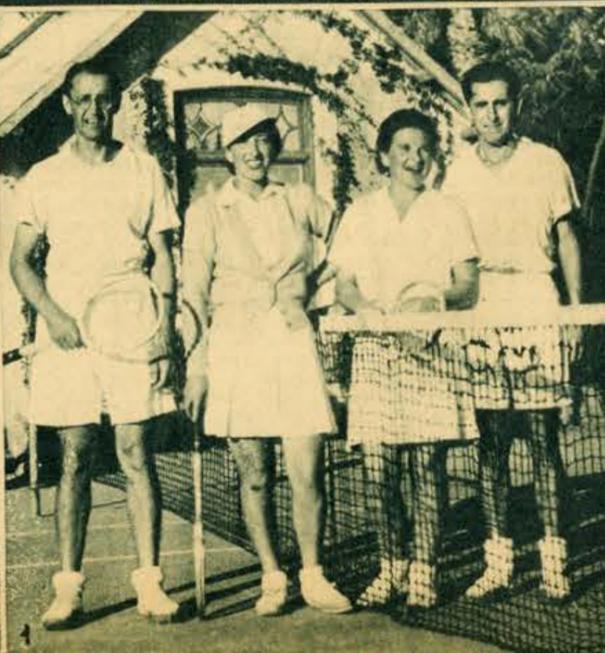
Silva Marques, um «veterano» que se defende ainda com brilhantismo



Jeremias Simão, um novo de incontestável valor

### CAMPEONATOS NACIONAIS DE "TENNIS"

1 - Os finalistas das provas de pares-mistos: J. Roquete e D. Gabriela Charino, que venceram José Silva e Miss Flint; 2 - Roquete em jogo nos campeonatos; 3 - Os finalistas em singulares: J. Roquete (vencedor) e José Silva

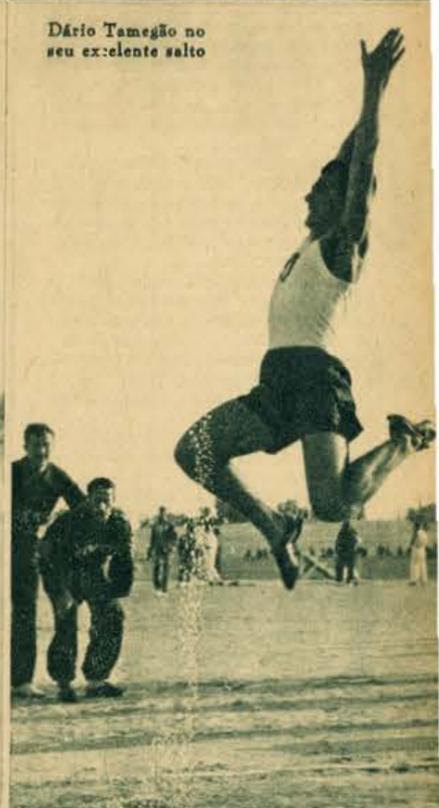


# ALFREDO da SILVEIRA

## despediu-se da actividade



Alfredo da Silveira



Dário Tamegão no seu excelente salto



A antiga equipa do C. I. E....

Três seleccionados para o Portugal-Espanha: Piato Basto, Herculano Mendes e Manuel da Silva



Silveira recebe uma lembrança da Associação



Os «veteranos» recordando Silveira

♦ O F. C. P. comunicou á imprensa o seguinte: «A grandiosidade da sessão comemorativa do 39.º aniversário do F. C. do Pôrto no Coliseu foi possível graças ao elevado espírito de compreensão do seu distinto empresário A. M. de Rocha Brito.

«É, não contente com a cedência, no ano findo, quis este ano levar a sua gentileza a ponto de suspender as obras, então em curso, para reabrir as portas, sem interesse comercial.

«Se a cidade se honra com o Coliseu, justo é que se divulgue a actuação de um homem que ultrapassa em dignificação vivo o espírito dos empresários modernos.

«Visa este comunicado tornar pública a gratidão do Futebol Clube do Pôrto.

Quere dizer: o F. C. do Pôrto, como as forças vivas da cidade — vale alguma coisa.

♦ O HANDBALL portuense fornece atractivos. Em determinado sector da imprensa — comenta-se por tudo e por nada uma delimitação de F. P. H., que manda cumprir regulamentos, embora reconheça, lealmente, que «leve um erro». Maldade da crítica? Nada disso! Desejo de «reinar»... O Pôrto, pode afirmar-se, ainda não recebeu «ofensas» federalivas. Antes pelo contrário — toda a gente o sabe. Logo, seria bom que abelhudas pessoas tivessem mais um pouco de consideração pelo trabalho alheio...

♦ CONSTA no Pôrto que a Federação Portuguesa de Handball vai demitir-se. O delegado de A. H. do Pôrto, pelo menos, manifestou já esse propósito e garante-se que está disposto a não transigir. Os seus colegas de gerência, entretanto, procuram evitar que isso suceda.

Este delegado, fundador e dirigente da F. P. H. desde que ela existe, embora de acordo, evidentemente, com lódas as resoluções, — declarou a alguém, numa passagem por esta cidade, o seguinte: «Espero que o Pôrto mande para lá quem melhor o represente. Tenho muito que fazer e quero ver tudo isto da bancada. É menos difícil. E não falta quem represente mais bem o «handball» da capital do Norte. Há por aí tantas capacidades...» «isto», em síntese.

♦ O MESMO DIRIGENTE, que seguiu de férias para a Beira Alta, escreveu a um amigo íntimo uma carta. Que nos perdoe a inconsciência. Dizio: «... a minha vida profissional, como nem culculas, embaraça-me. Trabalho dia e noite. A Federação, claro está, «rouba-me» apenas uma, duas ou três horas por semana. Não é muito, e cedo-as de boa vontade. Mas — aturor «certa gente...» «Digo-te que nunca mais aparecerá na F. P. H. camaradagem tão boa, gente tão honesta, correcta e imparcial. Tudo se verá mais tarde. Mas estão desolados com o Pôrto. Vê lá que até se publicam documentos que pertencem á intimidade das secretarias... Trapeceiam, insultam. Não, meu caro X... Tenho mais que fazer. Arranje o Pôrto quem melhor o represente!»

Aqui se faz eco deste comentário. Perdão — deste desabafo. O resto, já não é connosco. E mil perdões pelo abuso...

♦ SAMPAIO PEIXOTO criou an-

## A piscina do Pôrto...

**M**AIS uma vez — a piscina do Pôrto... Ainda há dias pude-mos ler, numa correspondência de Viana do Castelo, para um jornal diário do Pôrto, o seguinte: «... qualquer dia aparece aí qualquer dessas terras que nunca viram mar nem rio — mas que souberam obter uma piscina — e lá se vão as tradições desta Viana marinheira, onde já houve nadadores que, pelo menos, nunca se assustaram com o frio da água...»

Admirável. Assim, em Viana do Castelo, cidade linda do rio Lima, — como no Pôrto, com o invejável rio Douro a seus pés. Na capital nortenha teve a natação muitos cultores — alguns internacionais e campeões. Mas só com o trabalho do rio, Vieram as piscinas. O Pôrto reclamou-a. A Imprensa bateu-se por ela.

Todavia, até hoje, nada feito. Braga obteve agora 8.000 contos para o seu Estádio Municipal. Excelente. Vai ter, por certo, uma piscina. Mas o Porto? Poderemos, também, ambicionar este melhoramento? A natação, agora que o F. C. do Pôrto procura ter uma equipa, poderia reviver. Deve fazer-se tudo para que assim aconteça. No entanto, sem piscina, como será possível demonstrar capacidade, valor técnico, aperfeiçoamento individual?

Estamos em inferioridade. Temos um rio, um belo rio, o segundo, como a sua cidade, mas isso nem chega, sequer, para lavar o corpo... A capital do Norte, como Viana, pode ser batida pela mais escondida aldeia — aquela que tiver onde se façam nadadores, homens sãos, gente de desporto.

## HANDBALL

### Regime de Comissões Administrativas

**Q**UANDO um desporto toma o caminho das comissões administrativas, alguma coisa de anormal se verifica na sua marcha. É sempre um recurso, o último tentativo que fazem os responsáveis quando estão esgotadas lódas as diligências. De facto, tal emergência, proporcionando a mais ampla liberdade a quem tem o «handball» nas mãos, coerça, consequentemente, os direitos dos clubes e dos jogadores.

O «handball» portuense, pela desenfreada paixão de determinados sectores, tem vivido, nos últimos tempos, sucessivamente, em regime de comissões administrativas.

Por vezes, quando o «delfino» clubista coagiu certas personali-

des, foi aconselhável — foi necessária — a drástica medida. Nesse período, teve de interpor-se o conveniência do momento á legislação em vigor: os factos exigiam-no porque a modalidade não podia correr o risco de atolar-se.

A pouco e pouco, pelo menos aparentemente, o horizonte desanuviava-se e volta o bom senso ao espírito da maioria. Verifica-se, portanto, a oportunidade de deixar essa situação.

Hoje, o «handball» tem justas aspirações, que não podem asilixiar-se nas «algemas» de comissão administrativa actual.

A associação regional cumpre o dever de acelar dos seus filiados as sugestões que possam trazer melhor aspecto ao panorama deste desporto.

A comissão administrativa de A. H. P. nem sempre tem observado o papel que lhe é determinado, quer seguindo a forma rígida dos regulamentos alguns pontos mais dispensáveis, quer «torcendo» noutros, numa inconstância lamentável.

A evolução desta modalidade desportiva atingiu uma fase que justifica novas directrizes construtivas.

A autoridade não nasce de intransigências fechadas, mas do respeito mútuo, do acolhimento às iniciativas que surjam tendentes ao progresso do «handball».

É necessário harmonizar os direitos gerais, facultando a todos a liberdade das suas propostas, acabando com as prepotências, abandonando o pedestal inacessível onde se colocaram, para comunarem na doutrina comum.

Agora, no limiar da nova época, em que se oferece melhor oportunidade que em Dezembro, porque não se elege uma direcção do agrado dos clubes?

LUÍS MARCOLINO

## Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco assado. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítários gerais: Ventura d'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór 20, 3.º esq. (a Santos), Lisboa.

Enviámos amostras contra 480 em sélos do correio, nome e morada.

lipallas em Lisboa. Muitas. No Lumiar, quando nas reuniões de atletismo se fala no conhecido atleta portuense — ouvem-se assobios, risos... Isto, segundo se diz. Mas, nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Sampaio Peixoto está é fora o Sul, na tropa — e não pode fazer o que «toda a gente quere». Que é um campeão — está provado!

## Onofre é independente

A passagem o independente de Onofre Tavares, ex-campeão amador de ciclismo, afastou aos seus antigos companheiros de luta a dificuldade de vencerem as provas de amadores séniore, as quais eram, geralmente, conquistadas pelo pequeno corredor do F. C. do Pôrto. Já aqui fizemos algumas referências elogiosas ao simpático estradista «azul-branco» e augurámos-lhe, então, largas possibilidades na modalidade que pratica.

Na última prova em que entrou como independente fez um excelente «par» com o «mestre» Aniceto Bruno, do qual tem sabido recolher esplêndidos ensinamentos. Oxalá que Onofre, na sua nova posição, conte tantos louros como contou como amador.

## O «volleyball» em acção...

Em quasi lódas as praias do Norte, melhor, naquelas que ficam nos circunvizinhanças do Pôrto, o «volleyball» é jogado com entusiasmo. Especialmente na praia de Matozinhos, frequentada por quasi todos os jogadores do F. C. do Pôrto, joga-se freneticamente o «volleyball», com técnica e com afinco.

Pena foi até que a Associação respectiva não tivesse organizado este ano um campeonato nas praias, porque seria interessante.

Dada a sua fácil adaptação a qualquer terreno, o «volleyball» tem conquistado inúmeros adeptos — praticantes e público. É que o jogo desperta a atenção de quem vai para as praias passar o tempo, o que envolve boa propaganda.

## O Vasco da Gama treina os seus rapazes...

O nosso prezado camarada Alves Teixeira, grande impulsor do «basketball» portuense e dirigente técnico do Vasco da Gama, está aproveitando o tempo que falta para o início do campeonato regional para efectuar jogos inter-sócios, em turmas distintas, agrupando elementos de lódas as categorias e até principiantes, como antecipação das festas de aniversário do clube.

Esta forma de diversão tem outro aspecto, digno de menção: é que destes jogos inter-sócios, que são disputados rijamente, o técnico recolhe indicações sobre o valor e conhecimentos de cada um dos rapazes que entram nesse torneio.

## O F. C. do Pôrto teve uma saída em falso...

O encontro entre o F. C. do Pôrto e o Belenenses serviu, pelo menos, para dêle se tirarem determinadas lições de ordem técnica, pois pôde avaliar-se, em certo grau, qual o poder de realização de linha intermédia, tal como foi constituída na 1.ª parte, e depois com o «correnjo» que apresentou no 2.º tempo.

Szabo deve ter recolhido boas indicações e o facto do F. C. do Pôrto ter sido derrotado por 2-0 em nada concorre para que haja já apreensões...

## Nada de novo na natação...

Vai a caminho do fim a época da natação. O que por cá se viu cifrou-se exclusivamente nas provas do Gallitos da Fozenas do G. P. N., estas efectuadas no passado

O acaso proporcionou-nos o ensejo de vermos exposto o projecto do novo campo de jogos com que a Foz vai ser dotada.

Será seu proprietário o Futebol Clube da Foz, agremiação que constituiu a sequência do antigo União e do Grupo Desportivo da Foz, que, salvo erro, já não existem.

O terreno escolhido é no conhecido lugar da Ervilha, próximo da rua do Crasto, devendo o rectângulo do jogo, segundo vimos no projecto em exposição, ter as medidas de 95 por 45, o que é já muito razoável.

Terá os balneários e as instalações sanitárias indispensáveis, construídos modeladamente, cabine para o árbitro, etc. O frontão de entrada é delineado em corte elegante, com duas bilheteiras, situadas uma de cada lado do portão de ingresso ao campo.

Por enquanto, nada sabemos sobre o F. C. da Foz, mas brevemente contamos dizer algo sobre este novo agrupamento, que surge animado de boa vontade, expressa na construção de um campo de jogos—que na Foz faz grande falta.

Os nossos desejos são de que esta colectividade tenha vida próspera.

## As nossas SEPARATAS

Este número da STADIUM é distribuído com a sétima separata da série de emblemas dos clubes desportivos, na qual figuram os do Sport Lisboa e Benfica, Futebol Clube de Fafe, Ginásio Clube do Sul, Sport Clube Combricense, União Futebol Sesimbra, Sporting Clube da Horta (Faial), Parede Futebol Clube e Bomfim Futebol Clube.

## A CIDADE DE BRAGA

### o seu Estádio e a sua actividade

BRAGA está agradecida ao Governo da Nação, que acaba de votar uma verba importante—8.000 contos—para a construção do Estádio. De acordo com esta determinação, o sr. dr. Machado Owen, presidente da Câmara, e o eng. Oliveira Vaz, estiveram no Parque da Ponte e terrenos anexos, a fim de estudarem a abertura de ruas de acesso.

Ficou deliberado que se estabelecessem duas rotundas para o estacionamento de veículos, para que possa fazer-se facilmente o dos carros por vias diferentes das reservadas para o trânsito dos peões.

Entretanto, o Grémio do Comércio, o Sporting de Braga e a Associação de Futebol prepararam uma extraordinária manifestação de simpatia à sua Câmara Muni-

domingo, com o programa de sempre.

Mesmo assim, foi a única coisa que se viu. O resto—campeonatos, provas de propoganda, etc.—ficou para outra vez, que não se sabe quando chegará.

É de lamentar que se veja decorrer tudo numa monotonia que enfastia e compunge...

## A FIGUEIRA DA FOZ

### tem contribuído bastante para a valorização do desporto nacional

Jalientámos o valor desportivo de Viana do Castelo, da Póvoa de Varzim, de Amarante, de Caminha e de Aveiro. Mas não esqueceremos todos aqueles centros que trabalham esforçadamente. Hoje, por exemplo—é ocasião de recordar a actividade da Figueira da Foz.

Na Figueira, como é sabido, existe um clube que é concorrente ao campeonato da 1.ª Divisão da A. F. de Coimbra:—a Naval. Independentemente do simpático esforço desta colectividade, já a Figueira da Foz contribuiu para a valorização do futebol, fornecendo aos nossos melhores clubes elementos de categoria, como os irmãos Mourinha, João Guia e Carlos Maia.

Por aqui se vê que na excelente praia do Centro de Portugal se trabalhou em tempos com entusiasmo. Nos últimos anos, e mesmo na última época, a Naval 1.ª de Maio criou alguns bons elementos, como Jacques e Paisea, actualmente na Associação Académica de Coimbra—mas não poderá afirmar-se que só o futebol se pratica na Figueira.

No remo, a linda cidade tem uma história brilhante. O Ginásio Clube Figueirense e a Associação Naval 1.ª de Maio conquistaram muitos campeonatos e puderam impor-se às melhores colectividades congêneres, dentro e fora da sua terra. Na Figueira disputaram-se também várias provas internacionais de remo, e sempre se verificou o melhor entusiasmo e toda a assistência por parte das suas forças vivas.

Depois do remo, a Figueira da Foz teve cartel no ciclismo. A «Volta dos Campeões» fez deslocar para lá os melhores velocipedistas do país. José Maria Nicolau, Alfredo Trindade, César Luis, Felipe de Melo, Nunes da Silva, Joaquim de Sousa, Manuel Fernandes da Silva, Aguiar da Cunha e muitos outros eram concorrentes certos. De Lisboa, do Porto, de toda a província, deslocaram-se para a Figueira milhares de pessoas, e viviam-se ali muitas horas de entusiasmo.

Também alguns valores nacionais no «tennis» se exibiram nos «courts» figueirenses. Em provas de natação, concorrendo ou organizando, a Figueira da Foz marcava igualmente a sua posição. E sempre com brilhantismo.

Hoje, a Figueira nem sempre se revela como há anos. Oxalá o seu entusiasmo volte ao de cima, visto que tem possibilidades como poucos centros. O seu mar, o Mondego, que passa aos pés da cidade, e as tradições desportivas da sua gente,—bem podem contribuir para o seu prestígio e valorização.

pretendia beliscar tradições gloriosas, nem o Sporting de Braga poderia merecer qualquer comentário menos justo. A nossa revista, como está provado, apenas deseja que todas as colectividades e todos os centros de desporto se imponham. Braga entrou agora numa fase de acentuado progresso—e acompanhá-lo-emos o mais dedicadamente que é possível.

Não pode contar, evidentemente, qualquer opinião sobre este ou aquele método, esta ou aquela maneira de «estar no campo». Passemos por cima disso. Aplauda-se antes, nesta altura, toda a iniciativa dos bragaenses, todos os seus projectos de trabalho progressivo. Isso sim. Isso queremos e desejamos dentro da Stadium.

Começou de novo o futebol e iniciou-se-á em breve o Campeonato Regional da A. F. Braga. Disputam-no seis clubes—Vitória de Guimarães, Sporting de Braga, F. C. Famalicão, Sporting de Fafe, Gil Vicente e Vianense. Vencedor? A maior incógnita de todos os tempos, em virtude dos «reforços» que para aí se anunciam. Esta incerteza, torturante para alguns, é de apreciar, porque demonstra claramente a atenção que os dirigentes dedicam à modalidade.

ASSINEM A «STADIUM»

## Notas e novidades que interessam à província

ALCÁÇER DO SAL—O Independente F. A. vai comemorar o 25.º aniversário da sua fundação, estando o programa a ser elaborado pelos seus dirigentes.

—Está a interessar a campanha favorável à construção do campo de jogos. De facto, é justo que Alcáçer do Sal possua um terreno à altura da sua importância.

BEJA—Embora se anuncie para breve o campeonato regional, parece existir pouco interesse nos clubes locais. O S. Domingos e o Despartar, pelo menos, não deram ainda indicações de qualquer natureza.

O Moura A. C., o Luso e o União preparam as suas equipas.

CAMINHIA—Mais uma vez pôde o Sporting Clube desta vila subir ao lugar mais elevado do remo nacional. A sua vitória sobre o conjunto espanhol foi festejadíssima nesta vila, que tributo aos campeões uma extraordinária manifestação.

AVEIRO—O grupo de remo do Clube dos Galitos, ao chegar a esta cidade, após a vitória de Viana do Castelo, foi aclamadíssimo pelos aveirenses. Os campeonatos peninsulares foram recebidos na Câmara Municipal, onde os saudou o seu presidente, sr. Alvaro Sampaio.

Numa sessão realizada no Teatro Aveirense, falaram, entre outros, os srs. dr. Luís Regala, António Cristo, Melo Freitas e José Pinheiro.

SEIXAL—O treinador Severiano Correia, que também dirige tecnicamente o Atlético, já principiou a preparação dos jogadores locais.

PINHEL—O Clube de futebol «Os Pinhelenses» já elegeu os novos corpos gerentes—que são os seguintes: Manuel Albergaria de Seixas, Avelino Pimentel, Joaquim M. Ricardo e Manuel S. Silva. O director desportivo e o treinador são os srs. Adelino Torres Lima e Luís Torres Lima, respectivamente.

SINES—Realizou-se já um encontro de futebol, antes de abrir a respectiva época, entre o Sport Lisboa e Sines e «Os Sinesenses». Os dois grupos empataram 2-2 (1-0 a favor do S. C. S. na 1.ª parte). O jogo despertou grande interesse nesta localidade, tendo assistido também as autoridades do concelho.

AMARANTE—Foi eleita a nova Direcção do Amarante F. C., que é a seguinte: presidente, Amadeu Faria; vice-presidente, Joaquim José da Silveira; 1.º secretário, Francisco Artur Aguiar Brandão; 2.º, José Gonçalves de Abreu; vogais, Sousa Pinto e Tito Monteiro. Substitutos: Pedro Silva e Sousa, Alexandrino da Silveira, Custódio Pereira e Joaquim Duarte Junior.

Francisco Brandão, antigo at'eta do Vilanovense, e Amadeu Faria, são as figuras mais representativas, muito havendo a esperar da sua influência e actividade.



O venerando Chefe de Estado, no camarote presidencial, depois de entregar a taça «General Carmona» ao capitão Correia Barrento. À esquerda vê-se o sr. coronel Mário Travassos, comandante das forças brasileiras que estiveram em Lisboa.

Concurso Hípico de Cascais

## A TAÇA GENERAL CARMONA

foi ganha por Correia Barrento, no "Raso"

COM a disputa da prova «Despedida» — muito bem ganha pelo capitão Manuel Carpinteiro, no «Nitchev», como que a premiar justamente o valor do cavaleiro e as qualidades do cavalo — e da «Taça General Carmona», troféu de honra do certame, terminou na passada semana o Concurso Hípico de Cascais, organização que merece inteiro aplauso e impõe alguns comentários.

Falemos primeiro da disputa da «Taça General Carmona», troféu oferecido pelo sr. Presidente da República e que ficará na posse do cavaleiro que o conquistou três vezes.

A prova, disputada em «barrages» sucessivas, manteve o público em constante expectativa e se bem que o vencedor estivesse de antemão indicado, atendendo à forma em que se encontram cavaleiro e montada, a luta foi «seguida com particular interesse. Formavam o percurso inicial oito obstáculos de grandes dimensões, para serem transpostos pelos concorrentes sem preocupação de «tempo», que não interessava para a classificação.

Limparam com boas provas, «Brioso» (Henrique Calado), «Belver» e «Vouga» (Mena e Silva), «Raso» e «Sagres» (Correia Barrento), «Optus» (Helder Martins), «Zuári» (Cruz Azevedo), «Namir» (Pascoal Rodrigues), «Ribamar» (Guedes Campos), «Xarão» (Alves Pereira) e «Congo» (Reimão Nogueira).

Foram estes que disputaram a primeira «barrage» — percentagem muito de enaltecer se atendermos a que os inscritos eram apenas 26 — mas com excepção para «Belver» e «Raso», que voltaram a fazer o percurso sem faltas, todos os outros se penalizaram com derrubadas.

Na segunda «barrage», como a primeira consistindo em três obstáculos («pendish», «oxer» e vau), aumentados nas suas dimensões, seria apurado o vencedor, caso qualquer deles derrubasse. Se assim não acontecesse, as «barrages» continuariam só com o salto em altura.

Não houve, no entanto, necessidade de mais, visto que «Belver», conduzido com entusiasmo por Mena e Silva, derrubou o «oxer» na sua vara de entrada, ao passo que o «Raso», montado com calma por Correia Barrento, transpôs os três obstáculos sem dificuldade ganhando com brilho a «Taça General Carmona».



Os capitães Correia Barrento e Mena e Silva, 1.º e 2.º classificados na taça «General Carmona».

O público esperava, e com certa razão, que houve se nova «barrage» entre os cavaleiros penalizados com um derrube, para apurarem do 3.º e 4.º lugares, mas o júri — seja-nos permitido manifestar o nosso desacôrdo — resolveu «tribuir os restantes prémios a «Namir» e «Zuári», atendendo a que foram os que conseguiram melhores tempos na primeira parte da prova, se bem que os concorrentes não estivessem disso devidamente avisados.

Assim terminou o IX Concurso Hípico de Cascais, que este ano teve sete dias de duração e alcançou um verdadeiro êxito.

O Hipódromo Municipal oferecia aspecto magnífico. Completamente relvado, parecia gigantesco tapete a que os obstáculos, também agradáveis à vista, davam maior realce.

A organização foi francamente boa e é justíssimo apontar o nome de Manuel Possolo, que mais uma vez provou a sua dedicação pelo desporto hípico. O público foi bem informado, durante o decorrer das provas, dos tempos conseguidos pelos cavaleiros, facto que é digno de ser assinalado e de ser sempre seguido.

No grupo de concorrentes há que salientar o capitão Correia Barrento, vencedor de quatro provas com o seu magnífico «Raso» e que nos deu mais uma vez justa medida do seu valor. O distinto cavaleiro figurou na classificação de sete provas, das oito que disputou, e o «Raso», que parece disposto a não perder a sua popularidade, foi o cavalo mais brilhante do Concurso, ganhando boas classificações, entre as quais as do «Grande Prémio» e da «Taça General Carmona».

O certame de Cascais confirmou que temos já um bom lote de cavalos visto que, apesar da dificuldade de certas provas, abundaram os percursos «limpos». Há alguns, no entanto, que não estão ainda bem adaptados aos seus novos cavaleiros — e entre estes «Zuári», do qual o alferes Henrique Calado desistiu já no decorrer do Concurso.

Uma nota curiosa, que gostamos de assinalarmos, deu-a o tenente coronel Buceta Martins, o único oficial deste posto que temos visto concorrer, provando-se assim que os anos passam mas as qualidades prevalecem. Prometedor, a égua que apresentou.

José Beltrão, cavaleiro internacional e olímpico, que há muito não viamos em primeiros lugares, quebrou o «enguiço» em Cascais, onde venceu, com o «Squalus», as provas «Omnium» (1.ª série) e



O «Raso» ao transpor o «pendish» na última «barrage» na prova «General Carmona».

«Duque de Palmela», merecendo bem os aplausos do público, que não esquecer o seu passado de cavaleiro.

Também nos foi dado ver no certame da Costa do Sol toda a nossa equipa internacional deste ano, assim como alguns elementos de outras anteriores. Todos se evidenciaram. Dos novos, daqueles que nos habituamos a ver nos programas sem que, contudo, tivessem ainda ganho as esporas de internacionais, lá estavam todos, com excepção para Miranda Dias, que um desastre, quando treinava um animal para o Campeonato do Cavalo de Guerra, afastou este ano de Cascais.

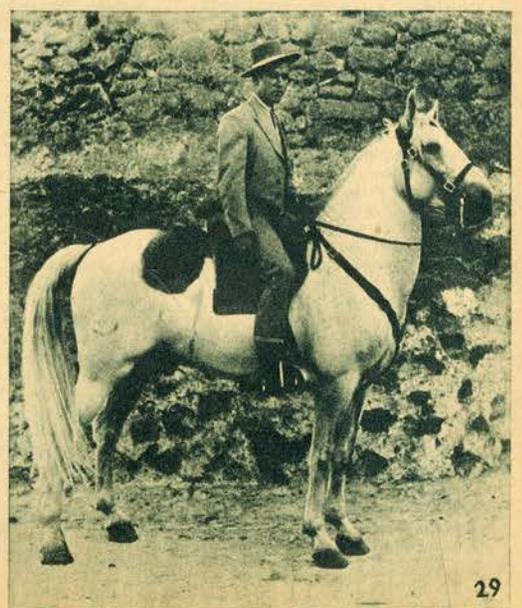
Como prevíamos, a prova «Juventude» decorreu com o mesmo entusiasmo das anteriores, mas mais equilibrada, por não ter sido permitida a inscrição de cavalos com «handicap» a alguns concorrentes que habitualmente os montavam e assim se colocavam em nível superior.

O júri resolveu, e muito bem, quanto a nós, suprimir a cláusula do regulamento que obrigava as amazonas a trajos escuros, «cô» ou toque de caça. A prova decorreu assim naquele ambiente que tanto apreciamos no ano transacto — e mais própria da nossa época.

Pode afirmar-se que o IX Concurso Hípico de Cascais voltou a afirmar-se como dos melhores que se realizam no País — e deixou boas recordações.

ANTAS TEIXEIRA

## JOGADORES DE FUTEBOL que são populares nas suas regiões



1, 2 e 3: Correia Gomes, Figueiró e Ventura, respectivamente extremo direito e defesas direito e esquerdo do Desportivo das Aves; 4 e 5 - Carlos Santana e Fernando Patrão, guarda-redes do Desportivo «Os Trancos e do Comércio e Indústria, de Santiago; 6 - Adalino Jorge, jogador médio-esquerdo do Desportivo de Manuaide; 7 - Lucino Pinto, «keeper» do Aguias F. C., do Cerejal; 8 - Luis Mora, interior esquerdo do Desportivo de Tondela; 9 - Samuel Abreu, defesa esquerdo do G. D. da Casa do Povo do Rossio ao Sul do Tejo; 10 - Santos Patric, interior esquerdo do Lusitânia F. C., da Lourosa; 11 - António Grilo, extremo esquerdo do Sporting C. Assumarense; 12 a 17 - A. Sousa, José Costa, José Fábio, A. Lima, José Corda e José Carlos, jogadores do G. D. da Casa do Povo de Benavente; 18 - Belmiro Moraes, médio centro do Operário F. C., de Vila Real; 19 - D. Oliveira, extremo esquerdo do Alentejo F. C., de Portalegre; 20 - José J. Carvalho, antigo jogador do Recreio de Ajudada e actualmente treinador da Associação Desportiva de Barró; 21 - António L. G. Basto, hábil extremo direito do «team» de jogadores do Betra Mar, de Aveiro; 22 a 25 - Álvaro Dias, Costa Santos, António Correia e António Costa, respectivamente médio centro, interior esquerdo e médios direito e esquerdo do Sporting C. «Bastelos», de Oliveira de Azeiteis; 26 e 27 - Manuel Feijão e Raul Gouveia, avançados do União F. C. Pinhalarense; 28 - Antero Rebelo Costa, do Lusitânia S. C., de Angra do Heroísmo - que não joga futebol mas conseguiu popularidade como praticante de «tennis» de mesa, sendo considerado o melhor da Terceira; 29 - João Romão, que faz parte da equipa de futebol do S. C. Estréla, de Portalegre, e que é também um apreciado cavaleiro tauromáquico.

# DESPORTO CORPORATIVO

## Os campeonatos de atletismo da F. N. A. T.

**A** Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho tem consagrado à propagação das práticas desportivas, pelos trabalhadores portugueses, por lindos esforços e bem orientada acção educativa. Assim se compreende que, de ano para ano, os seus campeonatos amentem de interesse,

Os torneios regionais deste ano, organizados nas passadas semanas em Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, marcaram acentuado progresso e tiveram um êxito de resultados que os colocam quasi no primeiro plano das actividades portuguesas. Para exemplo desta afirmação basta confrontar os 35 concorrentes aos 60 metros do campeonato associativo de estreates com os 42 participantes nos 80 metros do torneio lisboense dos estreates da F. N. A. T., e os tempos identicos — 9,4s. — dos vencedores da distancia na prova dos trabalhadores e nos principiantes officiais.

Em abono dos corredores da F. N. A. T. podem invocar-se ainda as péssimas condições do terreno onde prestaram provas, collocando-os em situação de inferioridade ante aquelles, que beneficiaram da pista do Lamiar.

Em vésperas dos campeonatos nacionais, marcados para Coimbra em fins do corrente mês, é de justiça pôr em realce as marcas alcançadas pelos campeões e sub-campeões, pois quasi todos se classificaram para a competição máxima por haverem ultrapassado os mínimos estabelecidos pelo regulamento, de accordo com os resultados do ano passado. Na 3.ª categoria (estreates) apenas o segundo classificado do salto em altura não conseguia atingir o mínimo; na 2.ª categoria (antigos filados e campeões das épocas passadas na F. N. A. T.) também só o sub-campeão do disco ficou excluido.

O número de concorrentes à 1.ª categoria (atletas filados com actividade na época) foi muito reduzido e a ausência de alguns consagrados, como Martins Vieira e Francisco Bastos, explica-se talvez pelo receio de qualquer acidente, em tão mau piso, nas vésperas do encontro internacional com a Espanha. Receio aliás bem fundado, porque o campo de Belem, por todas as razões, é impróprio para a pratica do atletismo: pistas de terra lavrada, curvas forçosamente apertadas, vedação insufficiente e ausência de instalações para o público, tornando impossivel a manutenção da indispensavel disciplina dentro do campo. Se a F. N. A. T. quiser ver devidamente coroado de êxito o seu labor, necessita de abandonar este recinto e procurar para o ano uma verdadeira pista, Salésias ou Campo Grande.

As melhores competições deste campeonato foram as de 80 e 300 metros, salto em altura e lançamento do péso. Não nos alongaremos sobre as provas da 1.ª categoria, que pouco importam sob o aspecto propriamente

educativo da F. N. A. T., mas encontramos na 2.ª e 3.ª categorias, sobretudo na última, bastos elementos para plena satisfação.

Se levarmos em linha de conta que as duas categorias competiram em comum no campeonato de 1944, foram melhores os resultados deste ano em 6 provas (80, 300 e 3.000 m., comprimento, disco e dardo), igual no salto em altura e inferiores em 2 provas (1.000 m. e péso).

Nomes a salientar: César Gomes, com 39,5s. nos 300 metros; J. Alexandre, com duas vezes 9,4s. nos 80 metros; Araújo com 9 m. 27 s. nos 3.000 metros; os saltadores em altura Ramos e Ferreira da Costa, que transpuseram 1,65 m. com estilo muito apreciavel; o discobolo Franco, que atirou a 33,63 m.; o lançador de dardo José da Silva, com 39,73 m.; o lançador de péso José Luis da Fonseca, que atingiu 12,46 m. com preparação tardia e, por isso, rudimentar, dando prova de excepcionais qualidades.

Neste periodo de intensa renovação do atletismo português, agrada verificar a proveitosa obra de recrutamento de praticantes exercida numa enorme massa de população pelos organismos ligados à F. N. A. T., contribuindo, por um lado, para a eficaz propagação da modalidade, e por outro para a valorização das futuras possibilidades nacionais.

ESSECE

## PUGILISMO

(Continuação da página 5)

brilhantemente como Beni Levi soube conduzir-se no ring, na quarta-feira.

**Os restantes combates da noite**

A «bomba atómica» não explodiu por defeito no percutor — e do alvo...

Sousa compensou habilidosa e o handicap de péso evitando aproximar-se e movendo-se de continuo. A principio o combate foi monótono e lento, chegando a desgostar o público.

Depois, Sousa atacou o estômago e desviou os sentidos do adversário

## Barreira de Sol

(Continuação da pag. 7)

graça sevilhana, numa admirável série de naturais, *derechazos*, *molinetas* preciosas *manolelinas*.

O valente grupo de forçados amadores de Santarém não esteve feliz, porque os toiros, broncos e cheios de poder, o não permitiram. O debutante António Lázaro, que tomou a alternativa, tirou com o capote alguns lances acérvaveis e colocou três bons pares de bandarilhas.

Brega excelente de Procópio, Correia, do ex-matador Niño de La Palma e de Vito.

J. E.

CICLISMO

## O MARROQUINO DRISS

### foi brilhante vencedor do Circuito do Sobral

Magnifica prova de ARISTIDES MARTINS

**A** pitoresca e progressiva villa do Sobral de Monte Agraço teve no domingo a sua grande prova velocipedica, reeditando assim a tradição de que é terra onde o ciclismo possui vastos simpatias e incondicionais admiradores. Pode orgulhar-se a modesta villa de ter assistido a uma competição de bom valor atletico, admiravelmente disputada, sob o ponto de vista técnico, e pouco vulgar como espectáculo e manifestação de desporto.

Ro regularissimo Aristides Martins e ao sempre fogoso marroquino Driss deve-se grande parte do brilhantismo da prova.

O sportinguista, aproveitando-se de pequenas escaramuças havidas antes de concluida a terceira volta, esgaieira-se, embora com um pouco de condescendencia dos adversários, mas depois, rolando em cadencia rápida, não só tornou difficil a «caça» que lhe moveram como arranjou maneira de «arrasar» a maioria dos «segundos planos» que tentaram alcançá-lo, num trabalho de enfiacamento das equipas adversárias bastante útil para o seu grupo.

Driss, em golpe de mestre, lançado logo após Jorge Pereira ter-se embrenhado na perseguição a Aristides, foi quem contribuiu para que a média horária das voltas, no conjunto da prova, descesse de 24 m. 35 s. para 23 m. 30 s. — proeza que representa menos 7 m. que o tempo

gasto, em 1941/42, por Inácio, em sete das oito voltas da corrida de então.

Rolando nam «passo» muito rijo, o marroquino, que tinha 1 m. 15 s. de atraso em relação a Aristides, quando saía do pelotão, alcançou o sportinguista após 6 quilómetros de «caça» e, logo que recolou, como homem mais sabido, passou a fazer figura de incondicional vencedor.

A sua vitória foi brilhante porque, nas quatro voltas que andou com Aristides, em mais de oitenta por cento do percurso o comando da marcha pertenceu-lhe.

Aristides, reconhecendo que era menos veloz na embalagem final, ainda tentou «descolar» Driss na dura rampa de Cabêdo. Infructifera, porém, essa tentativa, porque o marroquino não só agüentou o ataque como, em arranque brusco, feito logo de seguida, obrigou Aristides a ceder momentaneamente.

Sete minutos mediaram entre a chegada à meta do duo Driss-Aristides — a trabalhar para o monte, no que diz respeito a prémios, — e os corredores do segundo pelotão. Esta diferença de tempo traduz também a diferença de mérito verificada no comportamento dos estradistas classificados a partir do segundo.

João Lourenço, que nos disseram estar sofrendo dos intestinos, facto que afinal o seu aspecto físico denunciava, fez prova abaixo das suas possibilidades, cedendo em dois ataques mais fortes. Teve, é certo, ainda perseguição de valor, após uma pequena avaria, mas foi impotente para ir na cola de Driss, quando este passou a fazer perigar a vitória individual do seu clube.

Jorge Pereira, beneficiando apenas a principio, e episódicamente, da ajuda de José Rato, e sendo surpreendido pela fuga de Driss numa altura em que se esforçava por alcançar Aristides, passou no final a fazer prova de expectativa, guardando apenas os adversários que pretendessem fugir-lhe.

De louvar a coragem de Inácio — a agüentar-se no pelotão merecido da sua habitual energia: regular e valioso o porte dos «sangalhenses» Tólio, David Silva e Pais Cabral, que conquistaram um jasto segundo lugar colectivo.

Carlos Quadros e José Albuquerque pareceram-nos em subida de forma, sobretudo o último. Manique, a sofrer do figado, «afundou-se» a meio da prova. Jacinto acasou fadiga — e necessidade de abandonar a bicicleta por uns tempos.

O Sporting obteve uma vitória colectiva merecida, mas o llaminante, terceiro classificado — não conquistou o lugar a que o valor em conjunto dos seus atletas lhe dá direito. Mas quando esses atletas não correm, há que sofrer as conseqüências...

Organização cuidada e entusiasmo do público absolutamente invulgar.

G. M.

## O III Portugal-Espanha

que se celebra no sábado e no domingo  
no ESTÁDIO DO LUMIAR

deve ser enfrentado com cautela  
mas pode ser esperado com confiança

**D**EPOIS de dezanneanos de intervalo os atletas portugueses, em representação oficial do seu país, voltam a defrontar-se com os seleccionados de Espanha, num encontro que vai encerrar com chave de ouro a actividade excepcionalmente brilhante desta temporada.

A responsabilidade que pesa sobre tão importante competição foi bem compreendida pelos atletas e pelos dirigentes, que se esforçaram por bem cumprir a sua missão, dando à representação portuguesa o máximo poder; por isso poderemos encarar confiantemente o resultado do encontro, embora subordinando-o à máxima cautela e dispostos todos a empenhar na luta vontade sem limite e entusiasmo sem reserva.

Tenhamos a certeza que os nossos briosos adversários virão preparados com o cuidado que lhes é habitual e em forma que não devemos medir pelos resultados dos nacionais disputados há mês e meio na má pista de Gerona; mas os nossos seleccionados, com raras excepções, também estão dando provas da melhor condição física e entram na pista com o forte moral do apoio do seu público e da consciência do seu valor.

Com a falibilidade de todas as previsões em matéria desportiva, devemos contar com vantagem portuguesa nos 100, 200, 400, 5.000 e 10.000 metros, nas barreiras e estafetas, nos saltos em comprimento, triplo e à vara e no lançamento do martelo; as forças equilibram-se nos 800 m. e no disco, restando em desfavor nosso os 1500 m., o salto em altura, os lançamentos do peso e dardo.

Supondo porém, que haja demasiado optimismo nesta apreciação, a margem é ainda suficientemente larga para admitir algumas quebras.

Núncio, Sampaio Peixoto, Bastos, João Silva, Fernando Ferreira, Matos Fernandes, Alvaro Dias ou Tamegão, João Vieira, Montalvão Fernandes, Herculano Mendes e talvez Manuel da Silva devem formar o lote dos nossos campeões ibéricos, no qual incluímos ainda os dois quartetos das estafetas. Oxalá nos enganemos por deficiência...

### O festival de Alfredo da Silveira

Se a assistência não ocorreu no sábado ao Lumiar na quantidade que mereciam as virtudes desportivas do atleta homenageado, o êxito desportivo da jornada excedeu toda a expectativa e forneceu alguns dos melhores resultados da época.

Três atletas vieram conquistar galões de internacional: Edgar Tamegão, Sampaio Peixoto e José Luis Silva, todos com animadas marcas, conseguidas na mais perfeita regularidade.

Tamegão, depois de saltar 6,92, atingiu 7,075, centímetro e meio

menos do que o «record» de Alvaro Dias; José Luis Silva lançou o disco a 38,29 e teve dois outros lançamentos muito próximos deste melhor; Sampaio Peixoto percorreu os 400 metros em 51,2 s. (22,8 s. aos 200 metros), igualando quasi o seu melhor tempo, mas sem dar prova de progresso ou melhoria de estilo em relação ao ano passado. E, no entanto e sem dúvida, o melhor português actual na distância.

Tomaram parte no festival alguns atletas veteranos, entre os quais se misturou, sem que possamos compreender porque, o capitão da selecção nacional, Martins Vieira, que correu uma estafeta. Entre os autênticos veteranos, aqueles que já abandonaram há anos a actividade de competição, mostraram estar ainda «em muito bom estado» Mário Cunha Rosa, Manuel Soeiro e Joaquim Antunes. Quem poderá dizer que o exercício desportivo não é continuador da mocidade?

SALAZAR CARREIRA

### «HOCKEY» INTERNACIONAL

## Os suíços de Montreux

registaram uma só vitória e seis derrotas  
nos encontros que vieram disputar em Portugal

**U**M facto a assinalar, por successão natural e antes de mais nada, nesta visita de «hockistas» suíços a Portugal: a correcção, o desportivismo, a disciplina e o permanente bom humor manifestados pelos helvéticos. Nisto, eles deram lesões, aceitando os freqüentes «desastres» com o mesmo sorriso de sempre.

Quanto ao resto — capítulo de jôgo pelo jôgo e na propaganda do seu desporto — os nossos visitantes não trouxeram novidade alguma; as suas exhibições, na generalidade, causaram boa impressão, porque souberam lutar sempre com entusiasmo, contribuindo com a sua vivacidade para dar interesse aos desafios em que tomaram parte.

A equipa de Montreux — quasi sempre a mesma, visto que as alterações não podiam ser frequentes — era constituída por Émile Crosa, Émile Gervaz, Roland Zanazzo, René Martinetti, Henri Monney, Marcel Moret e Humbert Melasson: sete homens que se revezaram (Crosa, Gervaz e Moret foram sempre titulares) nos desafios efectuados e dos quais há que distinguir o espirito de abnegação posto sobrejamente à prova e a vontade, feita de energias, para superar os seus próprios recursos.

Não esqueçamos (porque convém salientar aquilo de que muita gente nem sequer se apercebeu — e mesmo alguns criticos zuriaram desapidadamente nos pobres suíços, olvidando este «simple» por menor...) que aquêles sete

## O PRIMEIRO ENCONTRO DE FUTEBOL

cujo resultado nos foi favorável por 2-0  
entre portugueses e espanhóis

**S**OBRE a data deste encontro passaram já 38 anos. Dos jogadores que tão bem souberam representar as cores do seu clube na capital do país vizinho, muitos dêles não pertencem hoje ao número dos vivos. No entanto, o seu feito perdurará na história do desporto português.

O encontro é digno de ser lembrado neste cantinho de recordações, onde se fala de épocas que já não voltam e de casos que sabe bem reviver, como homenagem aos mortos — e salvação aos vivos.

De há muito que as combinações estavam entabuladas. Naquelle dia 5 de Janeiro de 1907 o Clube Internacional, — então grande agrupamento de futebol, com campo privativo em Alcântara, nos terrenos onde hoje, mais ou menos, se encontram as officinas da Câmara Municipal, — apresentou-se em Madrid frente ao Foot-ball Club Madrileño, perante numeroso publico, deneras interessado em ver jogar os portugueses.

O Internacional alinhou com Eduardo Luis Pinto Basto, Eduardo Kendall, J. N. Rosse, Diogo Encarlet, R. Webster, Gastão Pinto Basto, P. Burtenshand, T. Pinto Basto, J. N. Bankin, J. Guerra e A. Almeida.

Pelo Madrid alinharam, entre outros, M. Romero, M. Aleaide, J. Sarza, E. Normand, E. Zamora, A. Giralt e M. Yarza.

Do modo como decorreu o desafio vejamos o que disse a imprensa espanhola:

«La Correspondencia de España» descrevia o encontro: «Desde o primeiro momento pôde notar-se a superioridade dos nossos vizinhos nesta classe de desporto. Têm grande conhecimento deste jôgo e possuem grande força e rara habilidade».

Por sua vez, «El Imparcial» dizia: «A luta foi disputadíssima, digna de tão fortes e hábeis adversários, fazendo-se, de um e de outro lado, jogadas que provocaram ruidosas e enlusiásticas ovações».

O «Heraldo de Madrid» informava: «Os lusitanos enviaram a Madrid uma equipa formidável, composta de homens fortes na sua maioria e sumamente entroncados, fazendo jôgo correctissimo, ao qual poderíamos chamar académico. Os dianteiros, admiráveis de combinação e muito rápidos e decididos no ataque, dominaram constantemente a partida, merecendo citar-se também o portero do «team» português. No primeiro tempo da partida os portugueses fizeram um «goal», na marcação de um «corner» rematado por Pinto Basto. Poucos minutos antes de terminar a partida, teve esta de ser suspensa por momentos, em virtude de um acidente que sofreu um dos «backs» portugueses».

Vá lá!... Prova-se, assim, que nesses tempos os «zaguiers» portugueses não se atiravam em frente das balizas adversas e que o jôgo desenvolvia-se academicamente, diferente da actual «alma» portuguesa, que dá quasi sempre a... alma ao Criador... quando defronta a selecção espanhola!

Valha-nos como compensação o havermos juntado o util ao agradável — jogando bem e vencendo.

Outras épocas, outr os usos e outros costumes.

N. C.

Ano III — II Série — N.º 145  
Lisboa, 12 de Setembro de 1945

**Stadium**

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:  
Dr. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da  
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração  
T. Cladão João Gonçalves, 19, 3.º

Telefone 51145 — LISBOA

Execução gráfica de  
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO CENSURA

**Stadium**

# NO CIRCUITO DE SOBRAL

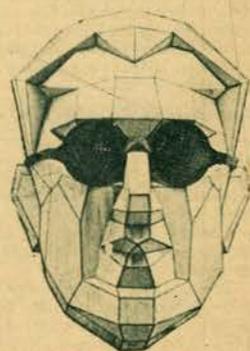
Três fases da prova e o voluntarioso marroquino Driss, vencedor da corrida



## STADIUM NA CAPITAL DO NORTE



CAMPEONATOS DE ATLETISMO DA F. N. A. T.:  
 1 — Os finalistas das provas efectuadas no Pôrto;  
 2 — A chegada dos 1.000 metros, ganhos por Manuel Figueiredo (Fab. Carvalhinho). FUTEBOL: 3 — No jogo Leixões-Vitória de Guimarães, o guarda-rédes português sai com oportunidade para segurar uma bola perigosa



**GIL  
 OCULISTA**

FUNDADA EM 1865  
 Depositária das lentes "ZEISS"  
 Bínóculos, Termómetros  
 Bússolas de marcha, etc.  
 Aparelhos de Precisão  
 138, RUA DA PRATA, 140  
 Telefone 22829 LISBOA